

**V  
E  
R  
T  
E  
N  
T  
E  
S**

**Elaine Pauvolid  
Marcio Carvalho  
Márcio Catunda  
Ricardo Alfaya  
Tanussi Cardoso**

**Coletânea de poemas  
e fortuna crítica**

EDITORA  
**five star**

*Elaine canta o que cantar é possível.* José Maria Dias da Cruz, pintor, sobre a participação da poeta em *Rios* (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2003); conforme *Impressões de um pintor sobre poemas de Elaine Pauvolid*, em [www.elainepauvolid.net](http://www.elainepauvolid.net).

*Os poemas mais longos [de Elaine Pauvolid] são enxutos e, sem destoar dos aforismáticos e sapienciais, compõem um conjunto de bastante unidade, onde sempre se nota o cuidado, o requinte expressivo, a ironia e a complexidade.* Astrid Cabral, poeta, em e-mail à autora.

*Elaine supera o despenhadeiro da sua interioridade com a transposição incandescente-enigmática-contemplativa da palavra, porque as energias da angústia, dos sobressaltos e do medo regressam à sua gênese (à vertigem primitiva) como uma dilaceração/evasão/deambulação/gestão das sombras-do-grito-elegíaco-gnoseológico sobre o cosmos-corpo da incatrizável intimidade.* Luis Serguilha, poeta e ensaísta português, sobre *Leão lírico*, de Elaine Pauvolid (edição da autora, Rio de Janeiro, 2008). *Hipocentros-afetivos*, em <http://www.conexaomaringa.com>, edição de janeiro de 2009.

*"Navalhas voadoras para cortar a tarde", de Marcio Carvalho, apresenta uma linguagem enxuta, valendo-se com frequência de versos curtos e ritmo ágil, de forma a evidenciar a densidade da palavra escolhida. Marcio Carvalho maneja com destreza a navalha afiada de sua linguagem, recortando para o leitor um mundo pleno de sensações e reflexões, que encontra correspondência na materialidade.* Marcus Vinicius Quiroga, no postácio a *Navalhas voadoras para cortar a tarde* (SEERJ, Rio de Janeiro, 2006).

*Eu agradeço cada vez que leio e releio "Navalhas voadoras para cortar a tarde", estreia de gala de Marcio Carvalho, que não fere o silêncio, mas profana-o com a sensibilidade e a certeza daqueles que o sabem fundamental. Raríssimos escritores possuem sensibilidade tão acurada quanto a desse "poeta fora da fila".* Luiz Morácio Rodrigues, no prefácio.

*Seus versos e prosas [de Márcio Catunda] se abrem para muitos caminhos e veredas; e é bom percorrê-los, pois antecipam, pela sua diversidade surpreendente, a grande praça que o espera na hora próxima e luminosa da madureza. Os seus poemas corrosivos se engastam nas cantigas de maldizer. É um gênero que está fazendo muita falta entre nós.* Lêdo Ivo, em 1987. Citado em *Plenitude Visionária*, de Márcio Catunda (Companhia das Musas, Lisboa, 2007).

# VERTENTES

*Coletânea de poemas*

**BIBLIOTECA CURURU:** Este livro não é para guardar.  
É para ler e passar adiante. Deixo-o, "perdido", na  
próxima esquina, no banco do jardim, na cadeira do  
consultório, de modo que outros possam ler. Veja  
como é, uma campanha do Jornal de Poesia:  
[www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)

Copyright © 2008 by Elaine Pauvolid, Marcio Carvalho, Márcio Catunda,  
Ricardo Alfaya, Tanussi Cardoso

EDITORA	<i>Aymara Cerqueira Lima</i>
PRODUÇÃO EDITORIAL	<i>Five Star Entertainment</i>
CAPA	<i>Jerônimo Navajas</i>
PROJETO GRÁFICO	<i>Five Star Entertainment /Jerônimo Navajas</i>
IMPRESSÃO E ACABAMENTO	<i>Gráfica Imprinta Express</i>
REVISÃO	<i>Ricardo Alfaya</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

C643 Vertentes: coletânea de poemas e fortuna crítica. - Rio de Janeiro :  
Five Star : Tashi Tsomo, 2009.

196p.

Autores: Elaine Pauvolid, Marcio Carvalho, Márcio Catunda, Ricardo  
Alfaya, Tanussi Cardoso

ISBN 978-85-62038-02-0

1. Antologias (Poesia brasileira). 2. Poesia brasileira - História e  
crítica. 3. Poetas brasileiros - Século XXI.

09-3236.

CDD: 869.91008

CDU: 821.134.3(81)-1(082)

---

Todos os direitos reservados pela Five Star Entertainment.  
A reprodução não autorizada por escrito, no todo ou em parte,  
por quaisquer que sejam os meios, constitui violação das leis em vigor.



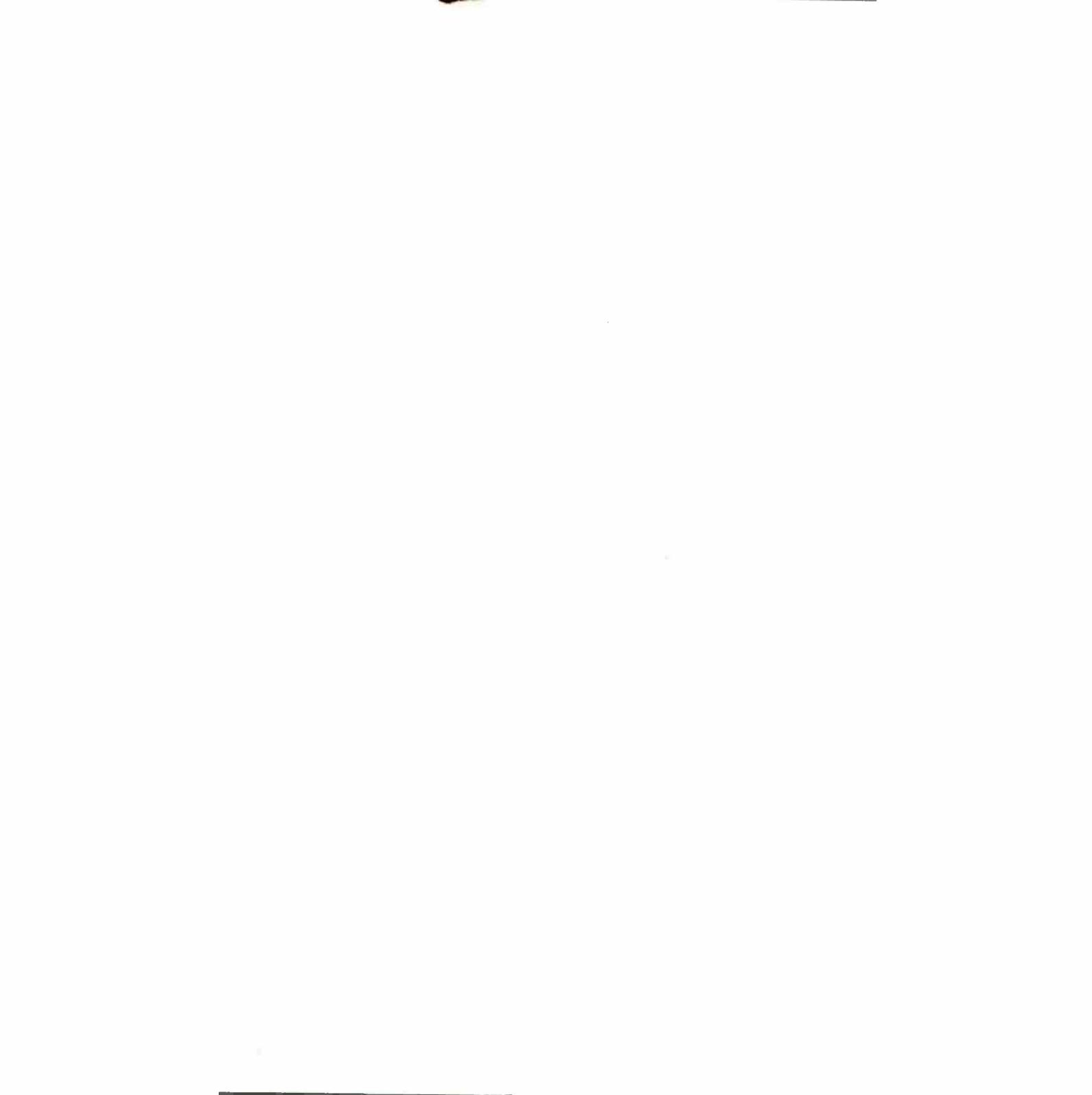
[www.fivestar.com.br](http://www.fivestar.com.br)  
[editorafivestar@fivestar.com.br](mailto:editorafivestar@fivestar.com.br)

*Elaine Pauvolid  
Marcio Carvalho  
Márcio Catunda  
Ricardo Alfaya  
Tanussi Cardoso*

**VERTENTES**  
*Coletânea de poemas  
e  
fortuna crítica*

EDITORA  
 **fivestar**

Rio de Janeiro 2009



# SUMÁRIO

<b>EU E QUATRO VISIONÁRIOS</b> . . . . .	<b>11</b>
<i>MÁRCIO CATUNDA</i>	
<b>A NAVEGANTE   INTERIORES   ANTEPROJETO PARA UMA VIDA TORPE</b> . . . . .	<b>15</b>
<i>ELAINE PAUVOLID</i>	
<b>APRESENTAÇÃO</b> . . . . .	<b>17</b>
A navegante . . . . .	19
A navegante . . . . .	19
O mundo não cabe no mar . . . . .	20
Entre viver e navegar . . . . .	20
Sei que sou de forma alguma . . . . .	21
Interiores . . . . .	22
Cansaço . . . . .	22
Por quem os sinos dobram . . . . .	23
<i>Luna</i> . . . . .	24
Poeta I . . . . .	25
Poeta II . . . . .	25
Sem a vergonha - poema em três atos opostos . . . . .	27
Minhas boas persianas . . . . .	28
O pássaro horrendo . . . . .	29
Cavaleiro em andrajos . . . . .	30
<i>Ordinateur</i> . . . . .	30
Solidão . . . . .	31
Um fora-sensação . . . . .	31
A vela . . . . .	32
Anteprojeto para uma vida torpe . . . . .	33
Das formas de encantar . . . . .	33
Vontade de ser porta . . . . .	34
Coração canino . . . . .	34

Palmas . . . . .	35
A partir de outro ponto . . . . .	35
São poemas. . . . .	36
Poema é . . . . .	36
Entrando na questão mais uma vez . . . . .	37
Palavra útil . . . . .	39
<b>PONTO E CONTRAPONTO DE ELAINE . . . . .</b>	<b>41</b>
<i>Gerardo Mello Mourão</i>	
<b>BIOGRAFIA DE ELAINE PAUVOLID . . . . .</b>	<b>45</b>
<b>NAVALHAS VOADORAS PARA CORTAR A TARDE . . . . .</b>	<b>49</b>
<i>Marcio Carvalho</i>	
<b>POETA PROFETA SAMURAI . . . . .</b>	<b>53</b>
<i>Luiz Horácio Rodrigues</i>	
Tatami . . . . .	59
Calendário . . . . .	60
Sob escombros   Espelho . . . . .	61
Orando . . . . .	62
Mosaico   Movimento . . . . .	63
Arquitetura . . . . .	64
Abrigo . . . . .	65
Concretude . . . . .	67
Lugar . . . . .	68
Arado . . . . .	69
Fotonovela . . . . .	71
Graveto   Carnaval . . . . .	73
Faro . . . . .	74
Gozo   Em família . . . . .	75
Quase vida . . . . .	76
Húmus . . . . .	77
Óntos . . . . .	78

Dos significados . . . . .	79
Cantiga . . . . .	80
Natureza-morta   Terra . . . . .	81
Onze   Crônica urbana . . . . .	82
Asfalto . . . . .	83
Trincheira Santa . . . . .	84
Encruzilhada   Hieróglifo . . . . .	85
<b>A ESCRITURA INQUIETA DE MARCIO CARVALHO . . . . .</b>	<b>87</b>
<i>Marcus Vinicius Quiroga</i>	
<b>SOBRE O AUTOR . . . . .</b>	<b>89</b>
<b>MEDITAÇÕES LÍRICAS . . . . .</b>	<b>93</b>
<i>Márcio Catunda</i>	
<b>APRESENTAÇÃO . . . . .</b>	<b>95</b>
1ª PARTE   Ó veleiros velozes! . . . . .	97
2ª PARTE   Estive doido durante algumas semanas . . . . .	101
3ª PARTE   Música que me ilumina o espírito . . . . .	106
4ª PARTE   Ah, quanto contrasta o fenômeno místico com a sordidez mundana! . . . . .	110
5ª PARTE   Quisera compreender o meu pensamento através de conceitos . . . . .	113
<b>CURRICULUM BIBLIOGRÁFICO . . . . .</b>	<b>119</b>
<b>FRUTOS DA PAIXÃO . . . . .</b>	<b>125</b>
<i>Ricardo Alfaya</i>	
<b>FORTUNA CRÍTICA . . . . .</b>	<b>127</b>
<b>APRESENTAÇÃO . . . . .</b>	<b>129</b>

Depois que a vida entrou em minha vida . . . . .	131
Das paixões . . . . .	131
Mulher no campo entre margaridas . . . . .	132
Gravidade . . . . .	132
Balanço . . . . .	132
Nota de rodapé . . . . .	133
Saudade . . . . .	133
Praia . . . . .	133
Rua Ajuratuba, quarto andar . . . . .	134
Além do véu . . . . .	134
Alta espionagem . . . . .	134
Frutos da paixão . . . . .	135
Dançando as canções . . . . .	135
Dúvida no almox . . . . .	135
Palestra para aplauso . . . . .	136
Em tempo . . . . .	136
Percepção . . . . .	136
Perfídia . . . . .	137
À luz de velas zanzei (dois) . . . . .	137
Da salvação . . . . .	137
Menino sem engenho . . . . .	138
Sem saída . . . . .	138
Abandono dantesco . . . . .	139
Poema para as paredes . . . . .	139
A queda . . . . .	139
Noite na Glória . . . . .	140
Amor ponto com . . . . .	140
O estrangeiro . . . . .	141
Na mesa em frente . . . . .	141
Fragmento da escuridão . . . . .	141
Num bar da Glória . . . . .	142
Petisco da vida . . . . .	142
Rua em fogo . . . . .	142
Poema em claro . . . . .	143
Poema do brejo . . . . .	143

Feira livre . . . . .	143
Foi assim . . . . .	144
Do silencioso adeus . . . . .	144
Telefonia . . . . .	144
Solidão . . . . .	144
Pensando Nélia . . . . .	145
Pena que . . . . .	145
Saudade de abril . . . . .	145
A morena e o jardim . . . . .	146
A rosa de Goiânia . . . . .	146
Fui . . . . .	146
Olhos de jade . . . . .	147
Cadente . . . . .	147
Pressentimento . . . . .	147
Simple aritmética . . . . .	147
Duro sacrifício . . . . .	148
Doloroso status . . . . .	148
O fugitivo . . . . .	148
Nádia . . . . .	149
Um lobo no Réveillon . . . . .	149
Vou viajar meu amor . . . . .	149
Sem troco . . . . .	150
Brinquedo . . . . .	150
Via Láctea . . . . .	150
A loura da Tijuca . . . . .	151
Quero é dançar e fazer amor . . . . .	151
Muito prazer . . . . .	152
Foi lindo . . . . .	152
Eterno . . . . .	152
À beira do remorso . . . . .	153
Labareda . . . . .	153
Poema para Ju . . . . .	154
Diante do . . . . .	154
<i>Let the music play in the last dance</i> . . . . .	155
<i>Poema remix - R. Alfaya feat. Barry White and Donna Summer</i>	

O fundo do poço . . . . .	155
Virtualmente te espero . . . . .	156
Sei que vou te encontrar . . . . .	156
<b>BIOGRAFIA DO AUTOR . . . . .</b>	<b>157</b>
<b>CARNE SERENA . . . . .</b>	<b>161</b>
<i>Tanussi Cardoso</i>	
<b>CARTA . . . . .</b>	<b>163</b>
<i>Carmen Moreno</i>	
Dissertação sobre a nudez . . . . .	167
Longa jornada noite adentro . . . . .	168
A noite, depois . . . . .	177
Sobre dor e Deus . . . . .	181
Saudade . . . . .	188
O que nos aguarda . . . . .	189
Considerações sobre a esperança . . . . .	190
<i>Ad infinitum</i> . . . . .	191
<b>SOBRE O AUTOR . . . . .</b>	<b>193</b>

## EU E QUATRO VISIONÁRIOS

Quatro poetas que não renunciam ao direito de dizer. Numa sociedade em que falsidade é valor, quatro visionários divisam resquícios de autenticidade nas frestas do que resta de humano em tudo.

Nos poemas de “A navegante”, “Interiores” e “Anteprojetado para uma vida torpe”, Elaine Pauvolid detecta intenções nos pensamentos e atitudes: desvenda a trama de cada sombra de gente. Em navegações nos meandros da poesia, registra ilações sobre o sonho e o sacrifício de estar no mundo. Delineia configurações sobre a solidão. Rastreia e garimpa a dimensão poética dos seres e das coisas. Extrai de toda experiência um quinhão de poesia. A arte de escrever é para ela um navegar no ar das emoções. É uma viagem ao centro de si mesma. Sua poesia, nutrida da experiência do cotidiano, acende como labaredas os seres inanimados. Humaniza-os, torna-os plausíveis à percepção, ao focalizá-los com a lente da sua contemplação. E transforma em poesia todas as coisas que toca.

Em “Carne Serena”, Tanussi Cardoso escreve com espasmos, no limiar do desespero, soltas as rédeas da angústia. Grita e murmura, com generosa voz solidária, toda a morbidez do sofrimento humano. Com metáforas doloridas, mostra que só a poesia é realidade. O resto é ficção. Prova que os momentos de infortúnio realçam a originalidade da expressão. Impressiona pelo frêmito com que lamenta o perecível e sonda o inescrutável. Digladia com um desgosto pungente, que exige de si o máximo vigor da expressão. E tece elegias à paisagem visceral de uma realidade opressiva.

Em “Frutos da Paixão”, Ricardo Alfaya derrama sua inspiração zen. Celebra a vida com uma ironia libertadora, que nos redime de toda angústia. Confessional, despojado, jogral lúdico nos significados, distribui pequenas chispas como alarmes que atizam fogo a toda credulidade. Seus epigramas instigam, sugerem uma sensualidade que às vezes grita aos quatro ventos; revelam a precariedade da condição humana e mostram a marca suja da vida. É um poeta que nos ensina a rir. Com sutileza, escarnece da seriedade pretenciosa. Diz verdades cortantes, com leveza espontânea. Polissêmico, sintético, abre a janela do mundo como quem desenha a caricatura da vida. E prova que o humor é postulado de sobrevivência.

Em “Navalhas Voadoras para Cortar a Tarde”, Marcio Carvalho denuncia a impossibilidade de toda realização humana. Mostra a incompatibilidade entre a sensibilidade e os ásperos obstáculos que se interpõem diante da sua idealidade. Cada poema seu é um protesto, uma navalha de ânsia, que esbarra em objetos sórdidos. Ameaçado pela atmosfera ríspida de um mundo hostil, sente-se asfixiado em meio à paisagem desumana que o circunda. E como um anjo martirizado, entre absurdas imagens, desvenda malogros que se sobrepõem a toda perspectiva.

Sinto-me confortável na companhia destes quatro iluminados da palavra. Com eles assomo à superfície, vertendo vertentes como vertigens.

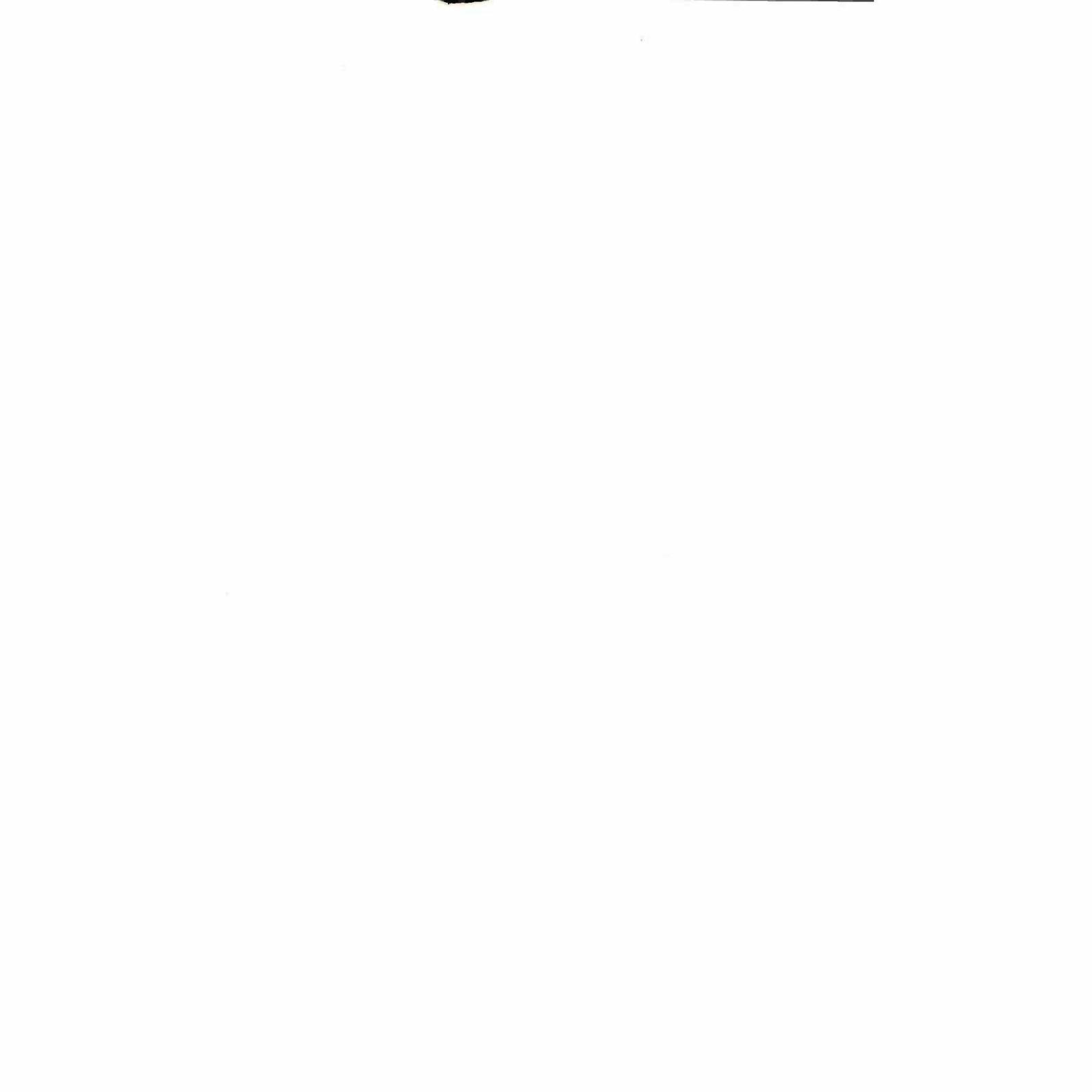
Que dizer de mim mesmo?

Deixo a tarefa a cargo de Ernesto Flores, crítico literário: “Sonatas de luz, momentos de profundidade e torrentes de sentimento vejo nestas Meditações Líricas de Márcio Catunda. Uma estação no parnaso idílico resultou nesta magnitude: poesia, a mais alta expressão planetária, em sua fabulação introspectiva. As noites claras de encantamento e outros quebrantos, derramados em cantos nostálgicos. Aromas sensuais

e fogos místicos brotam de cada verso e de cada plexo do  
âmago das emoções”.

*Márcio Catunda*

Lisboa, 29 de junho de 2008.



**Elaine Pauvolid**

**A NAVEGANTE**

**I INTERIORES**

**ANTEPROJETO PARA UMA VIDA TORPE**

Rio de Janeiro  
2009



## APRESENTAÇÃO

Minha vertente consiste em poemas escritos para este livro: “A navegante”; poemas de *Interiores*, livro que teve parte de seus poemas publicados em *Rios* (Íbis libris, 2003); e poemas reunidos sob o título de “Anteprojeto para uma vida torpe”. A diferença entre minha seleção para *Rios* e para *Vertentes* é que agora os poemas são em sua maioria inéditos.

Como fortuna crítica, selecionei o prefácio que o poeta Gerardo Mello Mourão realizou para meu livro artesanal, *Trago* (2002).

Espero com esta seleção ter conseguido desaguar com justiça os poemas que estavam represados. E que eles sejam capazes de matar nossa sede.

*Elaine Pauvolid*



## A navegante

### A navegante

Eu sou um mar plúmbeo  
mas sobre este mar ainda sou  
a que, sonâmbula, tenta não soçobrar  
e, cheia de náusea, olhos semiabertos,  
apesar da inércia e peso,  
prossigue a viagem.

Há um barco que habito,  
um barco forte e solitário.  
Na minha mão, um mapa em branco,  
em que cunho um itinerário.  
O destino é impreciso, os horizontes, muitos.  
As tempestades e os dias claros se revezam  
à minha revelia.

Além do mar, do barco, e da comandante,  
existe em mim uma baleia,  
cujo instinto reto é seguir.  
Ela viaja sob o casco de meu barco  
e, misturada ao resto que sou,  
faz-me acreditar  
que os animais não desistem  
e que não sigo à deriva.

## **O mundo não cabe no mar**

O mundo não cabe no mar  
Ou é o mar que não cabe no mundo?

## **Entre viver e navegar**

Que escrever se não tenho vivido,  
e sim, navegado?  
Falar das viagens por estes mares  
desconhecidos,  
dos monstros e anjos que tenho encontrado,  
dos seus cisnes?  
Poderia dizer sim de tudo isso  
e é mesmo o que tenho dito.

Mas seria tão grato viver  
nem que fosse por momentos ínfimos...  
Se minha vida for este navegar,  
esta tentativa de não ser submersa,  
qual a diferença, eu pergunto,  
entre viver e navegar?  
Talvez os mares que desejo  
ainda não tenha conseguido alcançar...  
E, se um dia eu chegar,  
quererei voltar?

## Sei que sou de forma alguma

Não confio em desafios  
desmedidos e nem acredito  
em sonhos tranquilos.

Louca, vago solitária  
em mim mesma.  
Sei que sou? De forma alguma,  
e essa vaga impressão de mim  
engana-me, fazendo-me crer  
no dia de poder ser una.  
Sou nua em poemas em prosa,  
mais nua em versos.  
Converso sem nexos,  
mas converso, e é  
a voz que procuro.

## Interiores

### Cansaço

*Para meu avô José Luiz in memoriam*

Sorriu por mentir, sorriu pouco,  
carregado de vidas, pisando folhas  
por onde foi pelos que se foram  
e não o deixam.

Tão rápido e para sempre,  
pelo abraço interrompido,  
continuo a caminho  
como se ao lado dele viesse.  
Estando morto, estou agora  
a ele desperta por memória  
daquela vida que de longe traço.

De quem o nome surgiu da luz,  
do pai, o santo.

Ao longe, o escoteiro,  
divisa do desterro,  
levando trovas  
que sem ele não seriam  
cantatas novas.

Está com Deus e seus anjos.  
A morte contra o prêmio

brigou feroz ao fogo de fora  
enquanto decidiam, pelo muito escuro  
da casa,  
a jamais se abrir a dura porta:  
- A vida aqui para sempre morta!

Não há espaço nesta vila  
por esta ferida infinda.  
Dizia a avó, chorava mais ainda,  
não a neta; sim, a filha.  
Porque aquela nada sabia,  
posto soubesse, clara riria.  
Nem pela morte, nem pelos anjos,  
mas pela luz daquele homem,  
cuja treva desfazia  
e à mulher de agora  
impedia pior dano.

## **Por quem os sinos dobram**

Dobram sinos  
não por mim, não por você.  
Alguém deve estar silente, longe  
das vozes e dos automóveis, dos bancos,  
deixando cicatrizes  
em lenços brancos.

## Luna

Lâmpada erguida, pequenina e nua,  
lá fora misturam-se ruídos.

Esgueiro-me feito cola. Ácida.

Rodas de bilha roçando pedras  
úmidas; vento bailando folhas,  
o lume do pensamento exato.

Um *blues*, a garrafa aberta,  
cortes de memória repletos indo e vindo,  
projetados no branco, voláteis.

Vontade de contornar a noite  
e debato-me pelo seu abraço.  
Depois, vencido, tomba o rosto  
milhares de vezes tombado,  
lentamente, em cada cena real,  
acordando em cada uma delas,  
recomeçando, renascendo uma vez mais.  
Como quem se lava n'água fria,  
como quem a alma batiza.

## Poeta I

Poesia é teimosia.  
Imponho-me ao poema.  
Displicentes, as letras  
arrumam-se fazendo fila, rimam  
feito senhoras com pacotes pardos.

É penoso lidar com letras...  
Basta cansar, desviar o olhar  
e lá se foi o que podia a rima.

Ser poeta é queimar  
latas de leite moça.  
É padecer a vida inteira  
e depois limpar a testa,  
num suspiro rouco.

## Poeta II

O poeta precisa da chuva,  
da janela,  
e do movimento na rua,  
asfalto exalando cheiros.  
Precisa dum coração  
onde caiba o que canta.

É homem corajoso,  
ainda que isso não diga  
a vã biografia.

Um homem sorridente,  
fazedor da própria dor  
para medir versos,  
ainda que da sua própria vida.

É um eterno sonhador  
que faz do que vê matéria.  
Constrói o próprio sonho  
de palavras colhidas.

Sobretudo um trabalhador  
das horas insones,  
caçador das borboletas noturnas.  
Guardador das gentes  
no cenário da memória,  
para um dia as pregar no papel  
e, enfim, realizar seu sonho menino:  
de pregar um inseto colorido  
num quadro esquelético.

## Sem a vergonha – poema em três atos opostos

I

Da noite para o dia o menino mudou.  
Soturno, pouco fala ou come.  
Que será que tanto o magoou?  
Vá lá, Cristina, ver de quem me foge o nome.

II

Que é, filha minha, está tristonha?  
“foi depois que falou com Ricardo,  
o que sem mais se tornou calado”.  
Ai, meu Deus, que fizeram sem a vergonha?  
“vai ver foi nada, só tristeza...”  
Deixe estar, que nove meses darão a certeza.  
(ou menos – que nascem os desta sina bem pequenos)

III

Tempo chega que à luz traz Cristina  
um menino todo roxinho.  
E as tias trazem vinho e cantam  
banguelinhas.  
Todos se bendizem olhando a beleza da vida;  
tornando inteiro o menino,  
do rapaz, dos velhos e da moça,  
de contentamento tinto.

## Minhas boas persianas

*“a persiana pode ser horizontal  
ou vertical; você pode regular sem  
se levantar da cadeira onde está*

*Oh sucessão do dia  
E da noite”  
Joan Brossa*

As persianas não mentem.  
Sobretudo as claras, quase brancas.  
Anunciam a hora exata no dia,  
delineiam nossa silhueta à noite.  
Atrevidamente lânguidas,  
permitem os barulhos todos  
e passar, generosa, a brisa.  
Jamais se erguendo totalmente,  
sem revelar, feito boa noiva,  
o que ocorre nos interiores.  
E se envelhecidas entortam,  
consentimos ainda em abrigá-las,  
se bem dominarmos suas cordas.

## O pássaro horrendo

*A Gerardo Mello Mourão in memoriam*

Horas há em que o invisível atíça-me.  
Alma abrasada, o coração sinto.  
Vacilo pela casa, esbarro num menino.  
Algo desigual íça-me.

Em mar alto, barco seguro,  
impeço queda pior.

Quase afogado, vejo um pássaro,  
sorrio-lhe dentes de carne.  
Acena-me o sorriso, seu bico.  
Posso adivinhar-lhe bem o cerne,  
volto-me contrário, não modifico.

Distante o quero, mas veio buscar-me.  
Dedilho, áspero, meu barco perdido.  
Alcanço minhas armas, acerto-lhe um tiro.  
Caído, o monstro, carranca de espelho.  
Vejo-me ferido.  
Rosto bizarro mergulhado  
em descomeço, apareço  
num mundo ao contrário,  
acenando a mim mesmo.

## **Cavaleiro em andrajos**

Sempre enlouqueço, porque nunca desço.  
Tenho medo da selva, dos homens que desconheço.  
Nascido aqui, criado aqui, enlouquecido aqui,  
nada me faz descer ao que ainda não vivi.

Longe, arrebento-me em dor  
de saber-me mudo,  
estranho, abjeto e inexistente no mundo.  
Ninguém conhece minha triste história.

Talvez para ente mágico falte-me a memória.  
Para o povo, em andrajos, um louco.  
Para mim, do nada, um pouco.

## ***Ordinateur***

Os fios são os cabelos  
duma mulher; dessas  
que têm presságios,  
olhos loucos  
e se disfarça.  
Resta quieta, porém,  
como gris estátua,  
acompanhando-me  
viva por trás  
do que é só máquina.

## Solidão

Não sei dizer desta solidão  
arrastada entre quatro paredes.  
Preciso de uma resposta  
a mim que não sou.  
A outra perambula  
assustada, um cão filhote  
maltratado, que desconhece  
tudo que não seja morte.  
Lanço mão de versos para alcançá-la.

## Um fora-sensação

Um fora-sensação contornava.  
Plácido, claro segredo,  
o rosto alvo mirava  
dum fundo negro  
para o interior ou para fora.  
Fora-sensação, embora,  
o dentro e o fora fossem contorno.  
A porta o fora divisava  
submerso, a penumbra em torno.  
A mão delicada sabia e avaliava  
que era porta, única palavra.  
Fora sensação, como a lavra  
na maciça e muda porta.  
Raiz morta.

## A vela

*A Gerardo Mello Mourão in memoriam*

Sólida, esqueci de ser eu mesma.  
Areia, virei estrela.  
Mas estrelas que são,  
senão rasgos da luz nova?

Palavras utilizadas, lume.  
Palavra, dobrada palavra.  
Por minhas entranhas encontrá-la  
dita e salgada, cristalizá-la.  
Fechar os olhos, lembrar-me do mar.  
O mar que lembra o fechar dos olhos  
e o riso deles nos nossos ouvidos.  
Vela acesa nas noites sonâmbulas.  
Deixá-la queimar perene e calma,  
transportando o silêncio para além,  
prometendo a eternidade na chama  
queimando, penitente,  
a transmutar-se chama sempre,  
queimando por dias, ensolarada  
vela de insônia, do sem-nome.  
Um homem que, podendo navegar  
e cerrar os olhos, o faz serenamente.

## ANTEPROJETO PARA UMA VIDA TORPE

### Das formas de encantar

As portas estavam rigorosamente fechadas.  
Não me venha perguntar o que quero anunciar  
com isso  
ou o que queira dizer portas rigorosamente  
fechadas...  
Elas estavam.  
E o pior ou o melhor de tudo isso era a  
escuridão em que a luz se metia.  
O mundo aguardava do lado de fora  
o que poderia ser uma forma de participar,  
sem contudo ratificar.  
O modo como as pessoas contemplavam  
tudo isso também era singularíssimo,  
e tudo estava muito silencioso.  
Eu, de todo modo, não pude ou não consegui  
verbalizar o que tive vontade.

## Vontade de ser porta

Trago dentro a vontade de ser porta  
que não entre nem saia  
ser local de passar  
perder e reencontrar  
partida e volta  
selar as costas  
a frente mirando  
o rígido silêncio  
porta adentro

## Coração canino

*“A morte é um cavalo seco”  
Ivan Junqueira*

A solidão é uma ave esquelética,  
suas penas são parcas.  
Tem um bico afiado,  
capaz de sangrar duras carnes.  
Não gosta de pessoas fortes,  
nem gosta de pessoas fracas.  
Parece que carrega um mistério e um brilho.  
Não ousaram cortar-lhe o pescoço.  
Também, nunca ousaram amá-la de fato;  
é um bicho que carrega mágoas.

Costuma andar pelos meios alagadiços  
e, apesar do que todos dizem por aí,  
a solidão possui um coração canino.

## **Palmas**

As palmas são a chuva  
limpando as almas dos atores  
para receber a música.  
Entre a platéia e o palco,  
uma linha imaginária define  
quem vai e quem fica.  
Depois do prelúdio, clímax e êxtase,  
embriagados, somos levados  
pelas palmas de novo.

## **A partir de outro ponto**

O que existe nem tampouco é  
o sonho é melhor sendo  
a nuvem que nunca chega  
é o momento de pensar  
a nuvem que passa é o ato de alcançar  
e esbarra numa bigorna  
o sonho acaba  
sangue pelo chão da sala  
amanhã recomeça  
e

## São poemas

Poemas são feitos à noite  
poemas são feitos de dia  
poemas são a massa do pão  
poemas devem ir para o forno  
poemas não podem ficar  
    muito tempo mudos  
poemas precisam ser comidas quentes  
poemas são as sobras  
poemas são formas  
poemas são o que fazer com as mãos

## Poema é

Poema é o exercício de ser e não ser  
poema é melhor que ter  
poema é saber o não-saber  
poema é uma forma de esquecer  
poema é uma vontade de dizer  
poema não é cantar nem navegar  
é também cantar e navegar  
é vontade de amar sem objeto  
poema parece estar  
poema parece a força de voar

## Entrando na questão mais uma vez

Não importa que o noticiário diga que é você  
o culpado  
nem que a melhor imagem não lhe caiba  
e ainda assim aquele móvel que você viu no  
antiquário pode ser melhor  
comprado em uma loja de designers  
mas o dinheiro que é caro não caberá na sua  
maletinha cibernética  
nem muito menos aquele almoço que você  
adiou adiará mais uma vez sua fome de ler  
não cabem na sua cabeça todos os livros do mundo  
muito menos em sua biblioteca de aço  
(se eu fosse você) eu compraria aquele  
móvel mesmo  
ainda que não seja totalmente o que  
você deseja  
ao menos você poderá guardar as suas  
coisas enquanto espera alcançar  
aquilo que pretende  
e talvez o que pretenda nunca será  
eternamente seu  
talvez seja até melhor desistir de alcançar  
o inalcançável  
ainda assim (se eu fosse você) eu compraria  
aquele outro móvel bem mais barato

nele cabem metade de suas coisas e mais  
algum salário  
tudo que mostram é vão  
não se desespere  
não quebre os móveis não  
não faça da sua vida uma diversão  
para outros iguais a você  
largue este bastão  
se afaste da loja de departamentos  
não agrida a funcionária  
ela não tem culpa se você não tem o  
suficiente para comprar o móvel que  
você viu no antiquário e aquele outro  
na loja de designers

## Palavra útil

A palavra não deve ser útil ao poeta que precisa da palavra totalmente descascada de sua aparência de utensílio.

Maçã não deve ser usada para dizer maçã,  
areia muito menos para dizer areia,  
pedra, jamais, pedra.

a palavra precisa ser desnudada.

Talvez, quem sabe, uma lata de sopa?

A palavra roupa não pode,  
não deve estar dizendo roupa,  
deve fazer ver um homem e uma mulher se abraçando.

A palavra cadáver pode ser morte  
que a palavra morte, não pode.

No processo de descascar a palavra,  
o poeta precisa entender, no entanto,  
o que a palavra poderia dizer se fosse uma lata de sopa,  
se fosse uma cadeira, ou mesmo um sofá.

Palavra descascada pode tornar-se novamente útil e berrar.

No berro que a palavra conta, o poeta há de saber escutar o  
que ela desconte.

Precisará ver para muito além da própria palavra e suas casas.  
Terá que se situar num lugar muito específico, onde a palavra  
não o alcance.



## PONTO E CONTRAPONTO DE ELAINE

*Gerardo Mello Mourão<sup>1</sup>*

É uma velha e fútil discussão esta de perguntar se há uma poesia dos homens e outra das mulheres. É até possível que haja, na escritura, uma tonalidade feminina, distinta da tonalidade masculina, como no mistério da escala das cordas vocais. Mas a poesia, que é uma linguagem do ser, como queria Heidegger, ao falar de Hördelin, é a mesma entre homens e mulheres, desde que nossa pobre e maravilhosa raça planetária inaugurou sua atormentada e jubilosa aventura de inventar a expressão da beleza mera que se incorpora nas coisas, nos lugares e nas pessoas que nos cercam.

Ao entender que a poesia é uma linguagem do ser, o filósofo foi mais longe e a situou como *uma categoria do ser*. É preciso ir mais longe ainda: a poesia não é apenas uma categoria, mas a categoria do ser.

Elaine Pauvolid sabe disso, como se pode ver nos breves poemas reunidos sob o sugestivo título *Trago*, o qual acena desde logo como o *twilight* de sua ambiguidade, numa abertura poética, que tanto pode ser o substantivo trago, como a primeira pessoa do verbo trazer ou do verbo tragar – o convite ao vinho, à embriaguez, ou a alegria do gesto de beber –, ou ainda o anúncio da portadora de mensagens e oferendas

---

<sup>1</sup> Gerardo Mello Mourão (1917-2007), poeta e escritor, indicado para o Nobel de Literatura, em 1979, e vencedor do Prêmio Jabuti, em 1999, com o livro *Invenção do mar*. Este texto foi feito para introdução ao livro *Trago*, lançado em versão artesanal pela própria autora, em 2002. Os poemas estão em: [www.trago.blogger.com.br](http://www.trago.blogger.com.br)

que nos chegam de repente, *trago aqui minha rosa e minha voz* – digamos.

Não importa que a poeta não tenha sequer pensado no desdobramento dessas hipóteses. É até bom que não, pois a intencionalidade sempre mata ou aleija a obra de arte – *opera aberta* por si mesma, no sortilégio e nas indagações de seu lusco-fusco, e não pela autora, como na observação de que *o poema sabe mais do que o poeta*.

Eu mesmo cheguei a essa descoberta – inventada por Coleridge quando leu a *Ode a uma Urna Grega*, de Keats – e aprendi a encontrá-la ao mergulhar na recente e prodigiosa *Poesia reunida*, de Dora Ferreira da Silva, que não hesito em situar como uma obra fundamental e fundadora de nossa pobre literatura, ao lado do canto órfico de Jorge de Lima.

Ao lembrar os mitologemas de Dora, poeta maior de nossa língua e de nosso tempo, não posso elidir a coincidência de encontrar também esse poder virtual do poema sobre o poeta na poesia auroral de Safo e das outras musas gregas que a cercaram ou sucederam, nos originais da tradução ainda inédita que acabo de ler do texto bilingue, *Restos Gregos*, de Gonçalo Mello Mourão, com surpreendentes anotações linguísticas e críticas. Mas isso é outra história.

É e não é. Pois não deixa de ser significativo que essa verificação da força do poema se faça tão viva exatamente nas cordas vocais das mulheres, de Safo a Dora. E, de certo modo, nos cantos deste *Trago* de Elaine Pauvolid, isso sem qualquer veleidade tola de comparações que não cabem; na lonjura das eras que separam as cantoras gregas de nossa admirável Dora Ferreira da Silva, aliás grega também ela pelas origens étnicas e pelo tempo mítico no qual se gera seu cânon. Maiores hão de ser ainda as distâncias em que se situa no tempo a jovem poeta Elaine. O que importa é verificar que todas pisam no mesmo chão sagrado da poesia pura.

Talvez a primeira marca poética da poesia de Elaine seja a suspeita de que ela se funda no território ctônico da memória. É bom lembrar que as Musas da mitologia apolínea são todas filhas da memória. A sugestão dessa fonte – a memória – como origem e vigência seminal da poesia parece estar já no primeiro poema da antologia:

*trago a luz*

*que escolhe confusa  
a dor-memória desconhecida.*

E não por acaso é para a memória que se volta também o segundo poema da antologia, quando a poeta evoca sua descrença em Deus:

*faz tempo que desacreditei em Deus.*

*Faz tempo*, quer dizer, houve um tempo em que acreditava nele. E aí vai a primeira advertência ontológica do conhecimento inventada por Platão: a gente só se lembra daquilo que um dia se lembrava. E só se lembra daquilo que a memória guarda como um ser vivo, no espaço ou no tempo de nosso próprio ser. Parece impossível a lembrança de um não-ser. Deus costuma, assim, aparecer como a primeira memória do ser humano, mesmo que seja como uma saudade de si mesmo, uma saudade ontológica, como queira Unamuno, que dizia *ele é mais do que eu mesmo*.

A poesia de Elaine pode ser percorrida com uma senha permanente: a busca da memória, não apenas e não tanto no passado, mas no cotidiano, no qual ela vai construindo, sob o signo misterioso da saudade de hoje, a saudade do futuro, em que o presente constrói a saudade do passado. Pelos

caminhos de seus versos, passam todas as direções do mundo, as gatas de cios clamorosos nos telhados, as crianças perdidas, azuladas de fome e de frio, as prostitutas, os caçadores de dinheiro, a bacanal dos pré-santificados e a presença perturbadora de sempre: aquele Deus que insiste em aparecer e ser invocado.

Enquanto não o encontra, a poeta vai mastigando grampos na aventura de sua travessia do mundo, o cotidiano sempre inesperado e sempre o mesmo. Sucumbirá aqui e ali, invocando impostores de circunstância, contrafações grotescas do Deus que vai buscando, como ocorre na depressão do último poema. Mas um dia, ela poderá dizer a cada um desses desencontros, como no epílogo de seu canto atormentado: *trago-o*.

Estes poemas de Elaine, como a *Ode*, de Keats, podem mais do que ela. São um momento importante, um momento vivo da inquietação da nova geração de poetas deste país, doloroso e lírico caminho aberto para a beleza pura e duradoura que anunciam, em sua linguagem tersa de pontos e contrapontos.

## BIOGRAFIA DE ELAINE PAUVOLID

Elaine Pauvolid é carioca, nascida em 1970. Autora de *Leão lírico*, edição própria, em que assina também o projeto gráfico. Com esse livro, participou da noite coletiva de autógrafos na OFF-FLIP 2008.

Ganhadora do prêmio Biguá, concedido pela SADE – Sociedade Argentina de Escritores, de 2006.

Participou da Antologia *Como angeles en llamas / Algunas voces latino-americanas del S. XX / Selección*, Editorial Maribelina, sello de la Casa del Poeta Peruano / Lima (abril/2004, Uruguay).

Em 2003, juntamente com os poetas Márcio Catunda, Ricardo Alfaya, Tanussi Cardoso e Thereza Christina Rocque da Mota, lançou o livro *Rios*, pela Ibis Libris.

Seu segundo livro chama-se *Trago* (edição artesanal da autora, 2002). Com prefácio de Gerardo Mello Mourão.

Colaborou com crônicas para o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, na coluna *Arte pela Arte*. Edita «*Aliás*, revista eletrônica de cultura» – [www.aliasrevista.com.br](http://www.aliasrevista.com.br).

A partir de 1999, tornou-se ensaísta freelancer. Publicou resenhas no *Jornal do Commercio*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e na revista *Poesia para Todos (Galo Branco)*, atividade à qual se dedica até hoje.

Em 1998, estreou como poeta com *Brindei com mão serenata o sonho que tive durante minha noite-estrela...* (Imprimatur / 7 Letras).

É funcionária pública federal desde 1995 e bacharel em Psicologia pela UFF, em 1994.

Seu site pessoal é [www.elainepauvolid.net](http://www.elainepauvolid.net).



Elaine Pauvolid



Foto: Dalton Valério



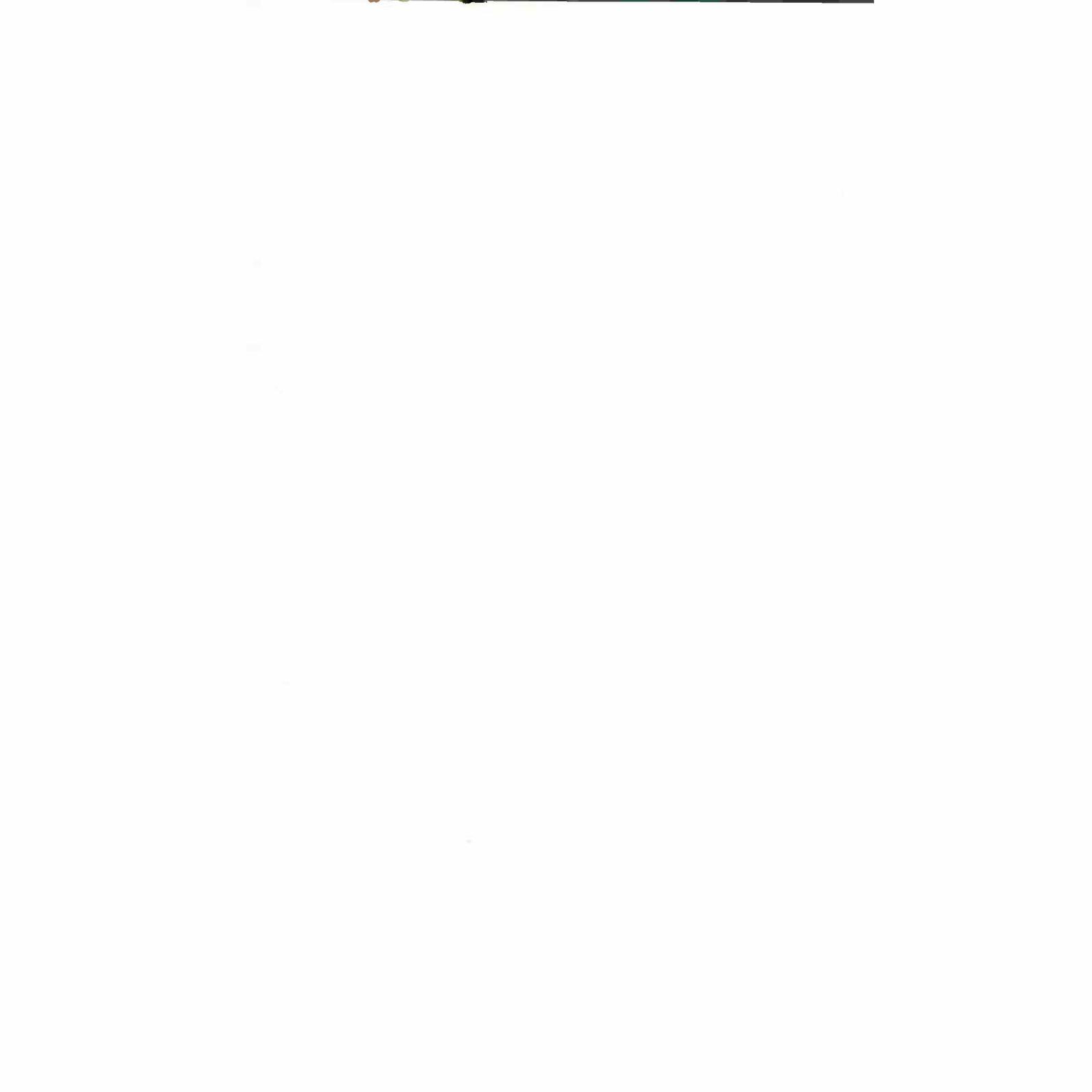
Marcio Carvalho

## NAVALHAS VOADORAS PARA CORTAR A TARDE

**BIBLIOTECA CJURURU:** Este livro não é para guardar.  
É para ler e passar adiante. Deixo-o, "perdido", na  
próxima esquina, no banco do jardim, na cadeira do  
consultório, de modo que outros possam ler. Veja  
como é, uma campanha do Jornal de Poesia:  
[www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)

Rio de Janeiro 2009

2ª edição



*A Tanussi Cardoso, sempre.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos amigos do Grupo Poesia Simplesmente, quando

tudo começou:

Ângela Carrocino

Delayne Brasil

Érico Braga

Laura Esteves

Rosa Born

Silvio Ribeiro de Castro

A Carmen Moreno, por tudo

Aos amigos Cláudio Filiciano

Angélica García Santa Olaya

Federico Corral Vallejo



## POETA PROFETA SAMURAI

Poetas não são pessoas comuns, assim como eu e alguns de vocês que logo estarão lendo este livro. Poetas são seres estranhos, veem por nós e não precisam do barulho constante, quer das palavras, quer da natureza, de que tanto fazemos questão. Poetas emergem do silêncio e de lá inventam imagens que em muitos casos até permitem nossa remissão. Só o poeta é capaz de fazer o silêncio andar de mãos dadas com o tempo e, quando isso acontece, nós, homens comuns, não podemos esquecer de agradecer. Poetas, os verdadeiros – há que se distinguir o poeta do “rimador” –, são, assim, capazes de dançar no silêncio apesar da interminável valsa da solidão. Poetas não são aqueles que contam, que relatam, mas os que criam, os que nos cutucam, os que nos impelem à insensatez de certos atos que legitimam a façanha quase inútil de nossas simplórias existências. Poetas são maiores que a morte, irmãos do tempo.

Caro leitor, sinta-se homenageado ao ler os poemas de Marcio Carvalho. Sei que ele não espera agradecimentos, mas eu agradeço cada vez que leio e releio *Navalhas voadoras para cortar a tarde*, estreia de gala desse poeta que não fere o silêncio, mas profana-o com a sensibilidade e a certeza daqueles que o sabem fundamental. E o poeta, com todo respeito e agudeza no olhar, corta o silêncio com navalhas rápidas e voadoras, palavras precisas, exatas na aspereza da ternura, rumo ao alvo – o vazio opressor – que não possui um centro, mas tentáculos capazes de triturar a vida conformista.

Minha bagagem cultural lembra o peso de uma borboleta, o que me fez de pronto pensar nos filmes de samurai, no que eles têm de mais óbvio. O guerreiro arremessando facas ninja.

No mesmo instante, Thamara minha filha de doze anos, me salvou da “mediocre associação”.

– “Pai, você esqueceu que samurai quer dizer “seguidor”, que aqui o poeta segue um grande mestre e em consequência o que ele arremessa são seus versos”?

Tentei resistir:

– “Mestre, mas que mestre”?

Quem mandou não me calar?

– “Pai, não quero me decepcionar com você, mas o mestre do poeta é o tempo, às vezes disfarçado de vento, de nuvem, de seio que amamenta ou então de cabelos brancos. O mestre é o tempo, pai. Esqueceu da lição do Zen que você mesmo me contou dia desses, onde o arqueiro tem de esvaziar-se de si mesmo para destinar toda sua atenção ao centro do seu alvo, esqueceu? É isso, pai. Marcio, o samurai, praticou, exercitou-se com afinco e acertou o alvo. As navalhas do poeta não ferem o tempo, o provocam tão somente. E se você quer saber mais, elas cortam o medo, o medo de ousar.”

Puxão de orelha assimilado, voltei à leitura de *Navalhas voadoras para cortar a tarde* e encontrei esse “samurai” e sua essência, a sensibilidade. Raríssimos escritores possuem sensibilidade tão acurada quanto a desse “poeta fora da fila”. Solitário, Marcio trafega entre a areia, a lama e a metafísica mais profunda, aquela que costuma colocar o homem frente à sua insignificância.

Não procurem por graça, riso fácil, nos poemas de Marcio; também, não desperdicem tempo buscando saídas. O que vocês encontrarão a seguir é a lâmina afiada, o corte inevitável, a arte que o situará desnudo frente ao inextinguível, a morte.

Não procurem por tristezas, lamentações paralisantes nos poemas de Marcio; também não encontrarão a humilhante resignação. O que vocês encontrarão a seguir é o verso afiado, o parceiro que faz falta, a mão e a navalha capazes de extirpar,

não só das tardes, como do resto dos dias dos homens atentos, o apego tolo pelas veleidades e a intimidade, nada forçada, com a pacata submissão.

Samurai Marcio e suas navalhas voadoras mergulham no mar de dúvidas sem o compromisso das respostas, mas com a disposição para lutar e colorir de aventura o cotidiano.

Boa leitura!

LUIZ HORÁCIO RODRIGUES



*A couraça de palavras  
Protege nosso silêncio  
E esconde aquilo que somos*

*Que importa falarmos tanto?  
Apenas repetiremos*

Thiago de Mello



## **TATAMI**

meu corpo  
avesso  
sente as dores  
que tua magistral  
e ecumênica  
língua  
me impõe  
se padeço  
não é por dor  
mas por tua  
busca pelo  
eterno

enquanto  
carne sou  
apenas pedaço  
de Narciso  
jogado no lago  
orvalhado  
da manhã

eu me mostro  
eu me lanço  
eu não sinto  
nada do que sou  
eu sou Áries  
estratégico  
e cínico  
carne  
exposta  
para tua  
escritura

## CALENDÁRIO

as folhas  
caem  
e eu outono  
tardo

as folhas  
só delas sei

as folhas  
vão mais que os  
reis

as folhas  
os homens por quem  
passei

as folhas  
como as saberei

:

as folhas  
do meu caderno

as folhas  
do meu jardim

as folhas  
que não estão

as folhas  
secas em mim

as folhas

## **SOB ESCOMBROS**

nada é sonho

folhas de outono  
caem inundando minha janela

a sala  
testemunha de meu corpo  
agradece o sonho

navalhas voadoras  
tudo que almejo  
para cortar a tarde

## **ESPELHO**

da janela do quarto  
avisto a Lua  
oculta  
que sangra seu leite  
transbordando  
Rosas Marias e Alices  
xingo a Lua  
desalinho sua forma  
não a quero minguate  
quero contemplá-la  
crescente  
como tudo que não sinto  
como todos os  
rebentos  
insinuantes  
catalisadores  
deslumbrantes  
falsificadores  
  
como eu e a Lua

## **ORANDO**

*Para Jorge Ventura*

santos em pecado  
à espreita  
oram por mim  
já que não sei de cor  
nenhuma novena  
mas me benzo sem que  
ninguém veja  
pois a culpa  
ancestral  
se encarrega de maldizer o tempo  
enquanto o vinho amanhecido  
se transforma em sangue  
reparto entre os convivas  
um punhado de penitências  
cuspo a hóstia ainda sagrada  
já que o cardápio  
ofertado não me traz salvação  
mas mesmo assim  
em nome do Pai me benzo  
e sigo na esperança da redenção  
pois são cheios de remorsos os homens

## **MOSAICO**

tudo aqui é quebrado  
como vitrais abandonados  
canecas e pratos  
a louça é o corpo quebrado

se tudo é caco  
tudo acena destroço  
e construção

tudo é ensaio de uma possibilidade  
que não sei

juntar pedaços  
despedaçá-los  
colá-los  
onde me perco

reconstruir vidraças

*há muito sei que sou abandono*

## **MOVIMENTO**

a vida quando estive aqui  
não era março nem abril  
apenas um baú de lembranças  
música cio

a vida que passa lá fora  
ainda bombeia  
sangue manhã de carnaval

a vida que estive aqui  
e lambeu espelhos  
se deparou com paredes

## **ARQUITETURA**

concreto  
vermelho no olho  
do inimaginável  
a casa

moldura vazada  
portas escancaradas  
para os pés  
que não dançam  
a casa

fantasma que  
não se alcança  
espelha o que  
não reflete  
a casa

argamassa  
da desilusão  
tetras na janela  
íris na escuridão  
a casa

lençóis de cimento  
quatro paredes  
diluídas na lágrima  
do tingimento  
a casa

ferro que não finca  
leito que não habita  
quintal sem odores  
teto a desabar amores

a casa

## **ABRIGO**

uma casa  
e seus signos  
e seus objetos  
e sua carcaça  
e seu corpo

uma dor  
e tudo que vela  
e tudo que nasce  
em reconstrução

átomo em suas  
partículas  
singularidades  
ao alcance do poema

átimo instante  
de pura perfeição  
e quebrantos

um rio em seu mar  
desejo de ser  
encantado

gárgulas carrancas  
seixos à margem  
do próprio destino

paredes que se despem  
sob a tinta  
acaso o casco  
barco não navegado

onde a força

do homem

onde o rastro

onde o destino

rachaduras

sangram arquiteturas

o corpo agônico

trama último risco

vômitos espasmos

intestinos presos

em sua própria cela

## **CONCRETUDE**

barro das chagas  
cuspe na palma da mão  
fundo do fundo da cratera  
partícula de silêncio  
breve túnel do tempo.

barro da iluminura  
portal dos homens  
adorador de pecados  
senhor da razão  
sagrado é teu nome.

barro da danação  
soterrado sacrilégio  
alma degolada.  
procissão de devotos  
labirinto de ossos.

barro da ressurreição  
da concretude  
da alma esculpida  
do altar soterrado  
dos santos ao meio  
  
matéria da criatura.

## **LUGAR**

o trem corta noturno  
a lua que avista o silêncio

não haverá nada  
entre mim e o abismo

a atmosfera que sangra e ri

é nudez pálida

dormentes soltos no ar

a janela é moldura  
para o que não sinto mas vejo

a música  
vinda do vagão  
vaga  
como uma grande valsa

## ARADO

*Para o Léo*

? que palavra te prende  
visgo nódoa  
beijo de serpente

que palavra te assusta  
carne crua  
varredura  
movimento de lua

que palavra essa  
destino de silêncio  
nó de embriagado

que palavra te enlaça  
tiro de culatra  
rio de ossada  
mar de revoltado

que palavra daninha  
cresce erva  
rasga chão e subsolo

que palavra tanta  
envergonha a face  
te eleva a santo  
mastiga pecados

que palavra adaga  
te despe a carne e a seda  
ruboriza o sangue

que trigo nos milharais  
te matará a fome  
quando a chuva ácida  
é tempestade

quando a palavra  
maçã a apodrecer  
fruteiras

quando a palavra  
bicho a inocular  
teu nome, quando  
a palavra

que carcaça é teu corpo  
cheiro de crina  
pata de cavalo

quando a mesa posta  
manhãs sem abismos  
dias sem domingos  
o mundo nas costas

que palavras pai e mãe  
arado da terra  
flores sem nomes

que palavra te cala  
telha quebrada  
escama sem peixe  
capim que não cresce

em que espelho o menino  
se faz homem em que gozo  
escreve seu nome

quando a luz do oratório  
te cega a retina  
e descortinas  
a possibilidade

do sol que lá fora  
cúmplice  
te manda o sinal ?

## **FOTONOVELA**

o amor esteve aqui  
passou feito filho  
guloso de tetas

devorador de corpos  
adorador de ossos  
demolidor de certezas

o amor esteve aqui  
certeira lança  
derrame no peito

carta de letras tortas  
porta de cedro  
trancada e morta

o amor esteve aqui  
no toque de suores  
na gosma do beijo

língua contra palavra  
verbo não conjugado  
corpo mais que desejo

o amor esteve aqui  
uivo da morte  
sino da sorte

poeira no olhar  
de Narciso  
serpente a beijar  
a presa

o amor esteve aqui  
veias trocadas  
pulsar terminal

baralho medonho  
jogo truncado  
blefe final

## **GRAVETO**

não merecia  
que escrevesse  
seu nome  
em pegadas de areia  
o mar o levaria  
vomitaria  
com sua língua solta  
a espuma cósmica  
dos peixes

## **CARNAVAL**

*Para Rosa Born*

banquete  
de máscaras  
:seu corpo.

fendas  
oferendas  
imagens tantas  
a explodir retinas.

tê-la em tela.  
punhal a rasgar o dorso.  
pintura, natureza viva.

pincéis a gotejar  
sangue em vinho.  
lânguida-língua.  
badalos a estremecer cidades.

a fúria das tintas  
o duelar das cores.

a cobrir seu sexo  
: meu corpo

## **FARO**

lobo uiva  
na cidade grande  
em prédios macas e latrinas  
procura no corpo  
ausência e saudações  
beijos de saliva doce  
baba de morcego  
caminha pelo corpo  
lambe a presa  
certo rasga a carne  
assusta a alma  
bebe o sangue  
inocula o corpo de raiva  
e veneno  
lobo mau chapéu de seda  
sede  
sedativo  
pisca o olho e vai embora

## **GOZO**

coxas tortuosas  
lábios sangram  
e não beijam  
carne esfinge carma  
corpos bailam  
ciladas e odores  
mãos cravam  
a pele  
línguas lambem  
sangue  
salivam venenos  
doces poderes  
o corpo treme  
a cama range  
almas em transe  
segundos  
que não morro  
mas padeço

## **EM FAMÍLIA**

o corpo que velas  
não é mais  
o mesmo corpo  
que outrora  
beijou  
é pedaço de carne  
sangue coalhado  
unguento e poço  
o corpo que velas  
é somente  
miragem  
o futuro virá  
sob o mármore frio

## QUASE VIDA

gravetos te furam o ventre.

a possibilidade  
de um novo amanhã desfaz-se  
líquida.

fora de órbita.  
vazio de paredes.

vermelha é a cor que te espreita.

baionetas a dançar sobre a pele  
a te ofertar espinhos.

rogas aos santos.  
te exprimes em pecados.  
tudo em vão.

já estão a te esperar  
os anjos e suas indefinições.

chama que não sabemos  
se te aquece ou te ruboriza.

insistes.  
clamas também pelos homens  
a manchar de cal tua ceia.  
a te cavar sepulcros.  
a te mostrar os dentes.

travestidos em capas.  
armados de foices.

ausente  
tateias o chão.  
cimentas a língua dura.

o duelo é com a tua voz.

# HÚMUS

*Para Laura Esteves*

o corpo do pai  
agora é verme  
apodrecido o corpo  
que me embalou  
é adubo  
para estranhas  
criaturas

o osso a estalar  
o chão  
alimenta  
o recôndito silêncio  
da caixa escura  
iluminada pelo que  
restou dos dentes  
branco-luz  
flagelo de sombra  
e medo

onde estará a alma?  
e o silêncio  
que se fez abandono?

# ÓNTOS

## I

esqueço-me diante da luz  
que funde agonia e memória.  
quem está aqui:  
o irmão ou o pai?  
cego-me diante da dúvida  
que assombra a resposta.  
estranho-me  
corpo sobre papel.  
quem está aqui não me vê  
quem me trouxe?  
qual será o signo?

## II

abandono-me diante do vazio  
e a atmosfera translúcida  
colhe-me em prismas farpas e mel.  
sibila o vento lá fora  
tal qual a serpente expulsa do paraíso.  
o corpo que tenho não é o corpo  
objeto tátil  
visor de nada.

## III

tenho febre  
e odores e cores e paredes riscadas  
tenho o pensamento em tudo  
que esteve aqui

## ***DOS SIGNIFICADOS***

*Para Tanussi Cardoso*

o afogado à deriva  
barco solto  
bicho solto  
no céu acuado

o afogado  
e seus peixes podres  
abraçam a baía  
braços de polvo  
anzóis de barbatanas

o odor dos mares inebria  
as narinas  
atrapalhadas  
pelos ares que se misturam

o afogado  
é só um homem  
que poderia estar no chão  
mas prefere o mar  
e sua sugestão de calmaria

## CANTIGA

*Para Thiago Silva*

lua  
tenda do norte

mais tentáculos  
que polvo

mais  
rocha que dragão

lua  
Jorge da crina de cavalo

mais  
santo que guerreiro

mais  
céu do que chão

lua  
a vega do terreiro em conchas

mais  
lança que espada

mais  
aço que navalha

lua  
de sombras e signos de Napoleão

mais  
tiro que disparo  
mais  
hóstia que veneno

lua  
todos cantam tua solidão  
nas noites em que derramas silêncio  
no céu à procura de chão

## **NATUREZA-MORTA**

flores  
copulam sem jardim  
mortas no desejo  
da beleza eterna  
no beijo sem beija-flor  
sangue sem derrame  
sem caule  
sem prece  
sem altar  
flores no desbotar das cores  
sem orvalho  
sem odor  
pálidas em sua transparência  
de asco

flores de plástico

## **TERRA**

Ferreira

poeta e ferro  
corta palavra  
corta veia  
seco seca fôrma  
ferro forma  
ceifa foice  
grita o som  
s(oco)

*juGullar*

## **ONZE**

*Para Ana e Sônia*

eu não sinto a dor  
mas eu lembro a dor  
o torpor o tormento  
o uivo do tempo  
a revoada dos pássaros  
cortando vidraças  
as flores  
caídas dos vasos  
o suor das batalhas  
os corpos  
em movimento  
os dias cinzentos  
o discreto sorriso  
de quem partiu  
insolúvel  
maldizendo o momento  
os sabres os corpos  
na calçada  
o oco som  
das sirenes

setembro já não existia  
primavera dissolvida  
no vento

## **CRÔNICA URBANA**

*VirgíniaDeixouDeSerVirgemMariaDeuPraTodosOsSantos*

## **ASFALTO**

I

Íris  
tez de pararraios  
apara o desejo que brota  
no capinzal

Íris  
quando te vejo  
nafraga em meu mar  
um arco de sol  
:  
pra iluminar  
a sombra de toda partida

Íris  
por onde passei  
a nobreza do rastro  
em ti vicejei

Íris  
o corpo atraí  
  
nu é o desejo  
em cidades, favelas  
presídios  
malocas sem fim

II

escândalo é  
menino dormindo  
com o sexo virado pra Lua!

## **TRINCHEIRA SANTA**

*Para Cristina da Costa Pereira*

balas de açúcar perdidas  
despencam da mão  
da menina  
e atravessam a cidade sem medo

o bonde  
não é o lugar do  
desejo  
é flagelo  
utopia cortada  
em goles de aguardente seca

armas disparam  
acenando flores  
Maria e Ana  
estão fora do alcance de Nero

apagam-se as cidades  
e o néctar  
não mais suga a flor

o riso frouxo da menina é suplício

*dormentes cortam a cidade do agora*

## **ENCRUZILHADA**

pássaros tortos  
copulam sobre a cidade partida  
anjos desnudos mergulham  
tontos de horror em mares de medo  
serpentes desavisadas me enlaçam  
querendo alcançar  
cicatrizes e venenos  
morro agora ou parto para sempre

## **HIERÓGLIFO**

a poesia  
despe-me  
de saberes  
pré-histórico  
rumino  
em cavernas  
a ossatura  
do homem



## ***A ESCRITURA INQUIETA DE MARCIO CARVALHO***

*Navalhas voadoras para cortar a tarde*, livro de estreia de Marcio Carvalho, apresenta uma linguagem enxuta, valendo-se com frequência de versos curtos e ritmo ágil, de forma a evidenciar a densidade da palavra escolhida. Merece atenção a elevada carga sugestiva da metaforização, muitas vezes em uma sequência de imagens com frases nominais. Por exemplo, a morte, tema recorrente, nunca é poeticamente óbvia, uma vez que prevalece a opção pelo simbólico, exigindo leituras atentas e repetidas.

A unidade da obra é obtida graças ao imaginário sagrado, com que ela permanentemente dialoga, e ao intercâmbio de palavras e imagens que vão reaparecendo nos textos seguintes, compondo uma corrente de poemas-oração: ora cínicos, ora líricos, mas sempre lúcidos.

Marcio Carvalho maneja com destreza a navalha afiada de sua linguagem, recortando para o leitor um mundo pleno de sensações e reflexões que encontra correspondência na materialidade. Os termos concretos são investidos de variada significação abstrata: as palavras parede, espelho, corpo ou sangue, várias vezes usadas neste livro, têm, como tantas outras, uma dupla face, pois falam também do interior do homem, em sua trajetória de desejos, dúvidas e realizações.

O poeta escreve como quem ora, sem perdão; ou como quem ama, sem pudor; ou, ainda, como quem oficia a vida, sem medo.

MARCUS VINICIUS QUIROGA



**MARCIO CARVALHO.** Jornalista, poeta, ensaísta, contista, dramaturgo, arte-educador, ator e professor. Desenvolveu projetos de arte-educação para a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro e ONGs. Foi Diretor de Comunicação do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro (SEERJ). Tem trabalhos publicados em antologias, no Estado do Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros, bem como, em diversas publicações literárias, como a Revista Poesia Sempre, da Biblioteca Nacional, onde, além de poemas, escreveu ensaio sobre o poeta Casimiro de Abreu. Foi membro do Grupo Poesia Simplesmente, responsável pelo evento Terça Converso no Café, no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana. Com esse Grupo, também organizou o Festival Carioca de Poesia.

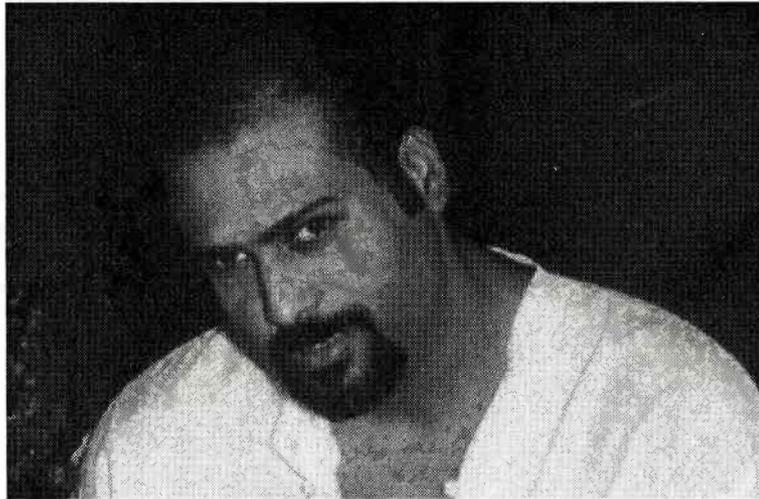
Em 2006, representou o Brasil no Segundo Festival Latino-Americano de Poesia “ser al fin una palabra”, evento integrante do Dia Mundial da Poesia, decretado pela UNESCO, no México, Distrito Federal.

*NAVALHAS VOADORAS PARA CORTAR A TARDE* é o seu primeiro e único livro individual. Obra das Edições SEERJ, 1ª ed., Rio de Janeiro, 2006.

MARCIO CARVALHO, carioca, nasceu em 12 de abril de 1967 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 09 de fevereiro de 2007.



Marcio Carvalho





**Márcio Catunda**

**MEDITAÇÕES LÍRICAS**

Rio de Janeiro  
2009



**Márcio Catunda** é um desses raros fenômenos poéticos da linguagem dos grandes buriladores da palavra. (Jarbas Júnior, na introdução ao verbete “Márcio Catunda”, na antologia “A Poesia Cearense no Século XX, org. Assis Brasil, Rio de Janeiro, Imago, 1996).

*Nos mais de dez livros de poemas que Márcio Catunda publicou, em destaque este extraordinário Sortilégio marítimo, de 1991, o dilema do poeta é existencial e social, uma procura talvez instintiva de conciliar as duas partes, as duas bandas do ser sensível, que acabará escrevendo um belíssimo ensaio sobre A essência da espiritualidade, em 1994. (Assis Brasil, continuação do verbete da obra citada acima).*

*Em Rosas de fogo o poeta e ensaísta Márcio Catunda vai buscar no Tao o caminho de sua poesia. (Natalício Barroso, prefácio ao livro “Rosas de Fogo”, Rio de Janeiro, Espaço Tempo, 1998).*

*A exemplo de nossa companheira, Elaine Pauvolid, gostaria de frisar a coragem presente nos cinco livros que compõem este Vertentes. Ao Márcio Catunda, parabenizo pela audácia de reconhecer a dor causada pela constatação de um passado iluminado, em confronto com um presente de escuridão. Conforme diz o próprio autor, com melhores palavras, num belo momento de Meditações Líricas, tudo aquilo que hoje o inebria e encanta, paradoxalmente, também o conduz à tristeza. Um documento poeticamente singular, em que Márcio, ao mesmo tempo em que celebra a vida, de certo modo, a condena. Evoca, assim, de maneira muito própria, a tradicional dicotomia entre o viver (Neruda) e o navegar (Fernando Pessoa).*

(Ricardo Alfaya, em e-mail aos participantes de “Vertentes”, em julho de 2008).



# MEDITAÇÕES LÍRICAS

## 1ª Parte

Ó veleiros velozes!  
Velo nos desvelos da vigilância.  
Ó pasmo perecível!  
Vertente de perplexidade!  
Ó ventos, ó vozes,  
ó fontes do imponderável!  
Que faço diante do tempo como se não o habitasse?  
Estou aprendendo a lição das ondas:  
a vida só tem sentido se florida de amor.  
Quisera abraçar todos os homens  
e adorar todas as mulheres!  
Ó vida vazia se não comungamos o ideal fraterno!  
Ó Supremo Ser!  
Como não ser este transtornado de angústia existencial?  
Hei de sentir fé como certeza feliz  
e ouvir o mar com o encantamento de outrora.  
Hei de refazer a disciplina do cotidiano  
e ser mais fiel à minha consciência.  
Sou eu este que se desespera de tédio?  
Sou o que contempla o mar embevecido.  
Que sei de mim e do Outro?  
Que posso com o tempo em que perco o autodomínio?  
Quisera ser o inamovível!  
Ser o monge perfeito de outrora.  
Mas eu ainda me deixo envolver pelo sonho.  
Quisera imergir na realidade com firmeza.  
Haverá um tempo de regeneração.  
Eu me transformarei num ser sereno e bom,  
livre dessa ansiedade que me perturba.

Estou meditativo diante do mar.  
O acalanto das ondas ressoa em mim.  
Estou num labirinto aflitivo,  
ouvindo melodias no vento.  
Emocionado de súbito enlevo,  
meu pensamento é uma miragem.  
Tanta recordação me envolve,  
tanto desassossego me alucina!  
A saudade chega com melancolias cantadas pela tarde,  
suavidades românticas.  
A fantasia do ontem permanece em toda parte.  
Uma atmosfera encantada guarda o meu segredo.  
Canções de inquietude povoam a minha insônia.  
Estou sonhando acordado.  
Meu hoje é só lembranças.

A música que eu ouvia com encantamento,  
hoje me magoa de nostalgia.  
A noite era a porta das aventuras.  
Agora é uma caverna, cujas sombras me habitam.  
Minhas atitudes reduziram-se à inércia mental.  
Disfarço a diferença sob a máscara dos sorrisos.  
Até as nuvens eram mais claras,  
o horizonte propício à religião do amor.  
Carrego nos ombros um fardo de ansiedade.  
Vivo em desespero lírico.  
Já não tenho tempo para o que não seja morrer de paixão.  
Tenho os nervos em frêmito, o coração sobressaltado.  
Anoiteceu e a esperança é um fantasma que chora comigo.  
Mas não lamento nada:  
tenho o sabor das lágrimas,  
essa riqueza de amar.

Aquela tarde em que eu te falava da atração das almas.  
Aquela claridade no mar  
como esse luar inebriante.  
Eu te falava de um prazer luminoso,  
além das carícias da pele.  
Eu te oferecia as tonalidades do céu,  
a paz das luzes azuis.  
Foi tudo uma torrente, um redemoinho  
que rodopiou comigo num vendaval.  
Estou ainda atônito nesse mistério.  
Permaneço perplexo, encantado  
e tenho as sensações translúcidas,  
depois daquele oásis de emoção.

Imergi no âmago do tédio.  
Preciso acreditar de novo na perspectiva do futuro.  
Preciso me reanimar na contemplação das manhãs.  
Mas, na saudade dos gloriosos momentos,  
são trevas o presente, o passado é luz.  
Quisera trocar a escuridão desse dia  
pela noite em que viajei sobre o esplendor.  
Durmo hoje, sonâmbulo.  
Outrora despertava em plenitude.  
Eram corcéis as horas daquele tempo.  
São velórios os minutos.

O mar chora comigo.  
Um céu sem cor  
como eu, sombrio,  
discorre ante os meus olhos sem fulgor.  
O mar parece que se lamenta como eu.  
A lua foge do céu  
quando converso com a minha solidão.  
Eu tão sofrido!  
Na rua da amargura, consumido de perdição.  
O amor me avassalou com seu mistério,  
escravizou-me ao fulgor da beleza.  
Vê a incerteza do meu firmamento!  
A natureza pródiga, encantada,  
forjou para delírio dos mortais,  
qual chuva que ilumina a madrugada,  
uma dádiva que a vida me trouxe  
entre ternuras, um raro esplendor.  
Amor feriu-me de transida seta.  
E nada me parece certo ou sério,  
se não provém dessa delicadeza,  
desse prodigioso quebranto que mudou meu pensamento.

Tristes são as tardes em que os poetas morrem de amor.

Maio com suas amenidades,  
o ar festivo de certos logradouros,  
os transeuntes banais e os edifícios decadentes,  
na alegre estação,  
se me afiguram dolente amargura.  
Que eu só quero contemplar os astros,  
embriagado de lamentos  
e sentir nos ares os perfumes que bebi outrora!  
Para exorcizar os tormentos em que me agito,  
um sossego ilusório vibra  
no deleite da brisa.  
Voga o barco ligeiro do meu pensamento  
no transparente lago das minhas lágrimas.

## 2ª Parte

Estive doido durante algumas semanas.  
A vida me submeteu a um tratamento de choque.  
Mas ai, despótica lucidez,  
resistirias a um novo assédio daquele desvario?  
Desprezarias a magnitude daquele fascinante afã?  
Pois eu troco dez anos de sensatez  
por alguns dias daquele delírio.  
Consagro a alma à mais dissoluta vertigem,  
antes que ao discernimento da razão.  
Dou todo o oceano do juízo  
por uma gota daquela temeridade.  
Mil vezes o ardor daquela ferida  
que o frio bálsamo desta indiferença.

Esperança, pão dos aflitos,  
nesta casa abandonada,  
gelado de expectativas,  
ponho-me ao abrigo do teu divã.  
Às fontes encosto o ouvido,  
perscruto o presságio dos pássaros,  
consulto os nubes.  
Os véus noturnos nada me anunciam.  
Em frente há uma montanha árida,  
a torre de uma igreja mal-assombrada,  
com ápices ameaçadores.  
Sou um rei despossuído,  
um ex-barão assinalado,  
cujo trono é um sarcófago sobre um tapete de ausência.  
Espero ainda palavras lindas como flores?  
Ainda que os meus olhos se extasiem diante do esplendor,  
esta comoção me pesa sobre a alma  
com a perspectiva de um relógio parado.  
No ermo, verdugo de mim, indago aos meus suspiros:  
haverá notícia alvissareira?

**BIBLIOTECA CURURU:** Este livro não é para guardar.  
É para ler e passar adiante. Deixo-o, "perdido", na  
próxima esquina, no banco do jardim, na cadeira do  
consultório, de modo que outros possam ler. Veja  
como é, uma campanha do Jornal de Poesia:  
[www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)

Que restou de tanto encantamento?  
Da luz das coisas pretéritas?  
Da comoção de tanto esplendor?  
Abro a porta diante do nevoeiro,  
transponho os rochedos da noite atroz,  
sob o influxo das horas pesadas.  
Meu refúgio é a miragem das ânsias.  
A vastidão do mar é a minha única companhia.  
Até quando estarei distante do meu astro?  
Quando é que meu coração nunca mais há de ser triste?

Era uma vez um tempo banhado em luz.  
Um tempo de ígnea transcendência.  
Os sentidos imersos em dourada brisa.  
Um tempo que explodiu na viagem dos sentidos.  
Com um frêmito, o silêncio se fez amargo.  
Um presságio na espuma dissolvida.  
Memória de anoitecida quimera.  
Foi ontem, foi agora, tenho ainda nos lábios a maresia,  
o aroma; o sol, que arde depois da névoa,  
nos cristais do mar.  
Estou de mãos vazias.  
Mas o que passou renasce no vento,  
orvalho que escorre na cinza fria,  
ocaso que refaz a saga dos desencontros.  
Estrela da tarde, viajante do enigma,  
madrugada nas encruzilhadas.  
Os gatos gemem sob o luar.  
Que venha a mensagem das constelações!  
Dádiva perfumada de maravilhas,  
relâmpago em todos os quadrantes!

A noite murmura o nome do meu sonho.  
Olhos que me espreitam dos abismos do tempo.  
Um rosto emerge dos escombros do exílio.  
Porque entrei nos espasmos da doçura,  
escuto adágios nas súplicas do vento.  
Estrela votiva, âncora do meu barco à deriva,  
o que foi argonauta das tuas carícias  
navegará ainda entre os cardumes do teu sorriso?  
Colherá pérolas de vertigem nos teus sargaços?  
Nas brumas da solidão, à luz dos astros,  
passeará no jardim das delícias?  
Sob a poeira faiscante do céu,  
colherá gestos belos como a flor que brota de madrugada?  
Ó palavras que consolaram o menino triste!  
Ó mãos que suavizam o dolorido sentir!  
Lábios que são água no deserto da sede.  
Meu pensamento é um cismar em horas vazias.  
O dia é para mim uma viagem noturna.  
Pássaro de espuma no tropel das ilusões.

Como era sentida a vida nos enlevos do luar!  
Eram as noites serenatas!  
Alto mar, claras candeias,  
o meu ideal e o alento dos faróis brilhando ao vento.  
Luar de sonho na visão.  
A vida era tão sentida nos pomares dos quintais!  
Jardins, luzes nos rosais: um oásis de ternura.  
Nos ares flutuava um sonho: primavera de fulgor.  
Como era ditoso o tempo de cantar pelos jardins!  
As tardes eram de brandura!  
O mar quebrando num quebranto.  
Nos mirantes, brisa leve.  
Céu de amores no horizonte.  
Madrugada de emoção.  
Teu nome escrito nas jangadas.

O dia é para mim qual noite escura.  
A solidão me espreita dos abismos.  
Na penumbra, espero aurora pura,  
entre os escombros da ilusão.  
Na voz do silêncio,  
entre as brumas da lembrança,  
escuto os acalantos de um segredo.

Noite em mim, o luar nasceu.  
Jardim de emoção, silêncio sem paz.  
Onde estás, flor do céu?  
O meu recordar acende no vento um perfume de amor.  
Como estou tão sem fé, tão só, no meu desengano!  
Caminhar contemplando o mar  
é lembrar, nas luzes do cais, aventuras de abril.  
Eu vou andando, sem rumo e sem fim,  
sonhando com um tempo que foi a glória da vida.  
Entrego ao mar o silêncio do adeus.

Do mais maravilhoso esplendor,  
o jardineiro da vida consola o meu pranto!  
De todos os perfumes, a essência verde.  
As violetas, os cristais e os diamantes,  
as visões sublimes  
e toda a imensidão da natureza  
cabem num gesto humano.  
A magnanimidade das folhas na floresta,  
a arejada sombra da vertente,  
os canoros pássaros encantando a clareira,  
o momento da mais alta reflexão,  
o sol destilando fluidos dourados,  
todas as vibrações etéreas e luminosas  
encontram-se agora no meu pensamento lírico.

Porque vivi o êxtase da fantasia,  
já não sinto aflição diante de ti, silêncio!  
Não lamento a dissipação dos momentos sublimes.  
Oscilo entre o que sou e o que recordo.  
Sei que a juventude não é mais que um dia.  
Mas se a jornada foi de plenitude,  
ando sereno ante o assédio das horas.  
Os archotes brilham na caverna da lembrança.  
O cinzel do tempo borra as mais nítidas imagens.  
Implacavelmente, distancia-se a memória da chama fascinante.  
No pensamento se afigura a visão do que se perdeu.  
Mas estou rendido à voragem do tempo.  
Entrego-me à vertiginosa corrente,  
ainda que não regresse o júbilo na roda da fortuna.

Não tem carências quem bebeu o soma  
e fez oblações no altar do tempo.  
Não tem ido nem porvir,  
imerso em completude,  
quem degustou o paroxismo dos tantras.  
Quem contemplou tamanha beleza  
não conhece esperança nem agonia.  
Atado ou desatado,  
foi afortunado quem desfrutou  
o almíscar, o jasmim, o âmbar e o sândalo.  
É afortunado quem vê a transparência em cores vivas.  
Quem recorda o que faz esquecer todas as coisas,  
mas não esvazia o cântaro de sombras  
nem os prodígios da sua evocação.

Entardece a manhã no voo do pássaro esperado.  
Eu me exilarei num pântano deserto.  
Minha cidade desmoronou.  
Nas remotas paragens,  
perdeu-se o menino que brincava no jardim.  
Neva sobre os rios.  
Esfuma-se a visão da estrada percorrida.  
Onde florescem os alegres pensamentos?  
O marinheiro anseia uma ilha insondável.  
O irrevogável escreve o seu decreto.

### 3ª Parte

Música que me ilumina o espírito,  
expressão abstrata do supremo ideal,  
energia que faz o mundo brilhar,  
expansão de luz que me faz irmão das criaturas:  
eis aqui alguém que compreende a vida!  
Desfruto em cada poro os fluidos da natureza.  
Alimento-me da harmonia das formas  
e a alegria de toda pessoa é a minha alegria.  
O vento que acende a folhagem,  
os pássaros que realçam as cores do dia,  
o azul que das alturas revigora o Planeta:  
eis as insígnias da minha bandeira.

Tudo o que me alegra me deprime.  
Deliro de regozijo.  
Tudo passou, mas vivo consternado,  
transtornado de esperança.  
Vivo em transe, translúcido diante do cristal das fontes.  
Estou como a ave noturna.  
Num chão de pétalas,  
viajo num transporte de enlevo.  
Estremeço diante da clarividência.  
Estou sereno e grave.  
A dor é invisível.  
Estou fremente, frenético...  
Vivo absorto, arrebatado,  
em liberdade, preso por amor.

Tenho por teto a luz prateada dos astros.  
O Altíssimo encheu-me a taça de néctar.  
Bebo alentos na noite acesa.  
Sorvo em haustos a consolação.  
O plenilúnio me é propício.  
Como me transbordo de contentamento?  
Como escolho, dentre as flores, a mais formosa?  
No inverno ou no outono, ando primaveril.  
Ninguém conhece o meu desespero.  
Mergulho no oceano sentimental  
e venho à tona com tesouros inimagináveis.  
Como descanso nesta expectativa serena?  
Como é que, em vertiginoso fulgor,  
desfruto de prazer?  
Diante do cristal das fontes,  
os olhos sedentos de beleza,  
quem, como eu, não tem na vida mais que um desejo?

Quanto brilho nas coisas supremas!  
Luz sobre a asa do pássaro viajero.  
A perspectiva inebriante é o tempo que contemplo.  
Quanta magnificência na extensão das águas!  
Poente, em que te firmas?  
Onde o diadema único, a voz dos arcanjos  
e o céu das promessas?

Cinzas atiradas no rio da desilusão,  
aqui jaz o meu sonho,  
morto no chão da vida,  
sob um céu vermelho, aquém do arco-íris e do horizonte.  
(Ressuscitará *in memoriam*?)

Já duvido de tudo.  
Sou o próprio enigma.  
A vida corre como um rio imprevisível.  
Sou o porta-voz das fraquezas humanas.  
Considero difícil controlar os instintos.  
Os sentidos me confundem nas sensações da fantasia.  
Não herdei a coragem do meu pai,  
nem a bondade da minha mãe.  
Sou rebelde às leis morais  
e vejo os seres cheios de mistério.  
Entre o meu olhar e o que vejo há uma sombra.  
Vivo em transgressão deliberada.

Quisera ser Catulo ante as delicadas pétalas de Lésbia.  
Quisera ser Menelau, digladiando pelos instintos de Helena.  
Quisera ser Zeus, mudado em cisne, sobre os mamilos de Leda,  
ou disfarçado de chuva, molhando o púbis de Danae.  
Quisera ser Poseidon, pólipa enlaçado às coxas de Anymone.  
Ser Apolo, vilão, sondando a fragrância inebriante de Dafne.  
Ser Plutão, na penumbra, entre as pernas da bela Perséfone.  
Quisera ser Dionísio, de falo adorado pelas Ninfas!  
Ser Hipólito, seduzido pela despudorada Fedra.  
Quisera ser um rapaz de Atenas, debruçado sobre a Hetaíra.  
Ser um fauno, espreitando o banho de Frinéia.  
Quisera ser todos os que se consagraram nos ritos do amor!  
Mas, nas tardes amargas,  
fico olhando as estradas do mar.

Entre o alto e o profundo  
capto as visões do meu telúrico ideal.  
Unifico-me na dimensão contemplada.  
Abriu-se o templo:  
clareza nos quadrantes do meu verão.  
Encharco-me de lágrimas invernais,  
desfolho-me, angustiado de outonos,  
floresço em primaveras sentimentais.  
Mas sou o paroxismo do paradoxo:  
entre o alto e o profundo, jaz a minha experiência mental.  
Altura e profundidade regem a minha prática lúdica.

#### 4ª Parte

Ah, quanto contrasta o fenômeno místico com a sordidez mundana!  
Há dois mundos em tudo.

Homens-feras perseguem-se uns aos outros.

Com os sentidos rebaixados,  
já ninguém contempla o céu.

Só eu não sou indiferente às nuvens e à Lua.

Só eu não ando aos berros como um camelo no deserto das ruas.

Fortaleza, quem te vira refém da revolta e do medo?

Quando haverá a transformação?

Quando voltarei a cantar nas amenas noites de agosto?

Quem decifrá o teu segredo?

Quisera jamais te ver pasto de tristeza,  
pátio de solidão!

Fortaleza, dama da noite alucinada,  
já não contemplo a Lua no espelho das tuas lagoas.

No meu solilóquio de andarilho à beira-mar,  
não há prazer nos bares, mas na deambulação.

Portal do Atlântico, nave encantada,  
ancorada no cristal da memória,  
cidade azul, lavada de aprazíveis aragens,  
seara de fontes frutais,  
verdes pomares, verdes mares.

As luzes refletidas no influxo das ondas,  
o rumor do vento na madrugada  
e o meu pensamento devotado aos teus horizontes.

Fortaleza, eu revivo a todo instante o teu drama!

Verdes mares que me fascinam  
desde o tempo em que fui contemplativo.

A vida mudou, mas permanece em mim a mesma paixão.

Porque a vida me foi sempre uma saudade do paraíso,  
de um tempo sem a sensação da transitoriedade.

De um translúcido sentir sem desilusão,  
sem o temor da teia tecida pelas Parcas,  
sem o império material de Chronos.

Eu fui na infância um ser iluminado.

Agora vivo em sombras  
no porão dos meus devaneios.

Fortaleza, olha o teu cantor!  
O que escreve caminhando em tuas calçadas,  
o que ainda se perde de amores diante do mar.  
O litoral, meu habitat predileto,  
este espaço, da Ponte Metálica à Beira-Mar, me satisfaz.  
Não os teus bares e cafés, mas este espaço!  
Fortaleza, vê o teu poeta deambulando pela Praia de Iracema,  
passando indelevelmente pela Praia do Ideal!  
É um cidadão urbano, meditativo,  
mirando as cores dos edifícios  
que desenham a curva da enseada.  
Fortaleza, recorda o menino que percorreu as tuas praias  
com o olhar dos encantos!  
Só é grande o poeta que canta a sua cidade  
e eu te revejo sempre com o pensamento apaixonado!  
Canto a brisa cálida das tuas tardes e o remanso da praia.  
Sinto agora um enorme apreço pelo semelhante.  
As ondas do mar me hipnotizam.  
Cidade minha, és testemunha do meu desvelo.  
Dedico aos teus horizontes a minha introspecção,  
meu refúgio em mim mesmo.  
Sou o teu guardião!  
Escrevo a tua história com a seiva do sentimento.  
Cada respiração do meu ser se harmoniza com os teus ares.  
Neste remanso em que vadio,  
numa vilegiatura lírica inconsolável,  
vivo a emoção do passado, na vertigem do presente.  
Por que fugir das coisas pragmáticas hoje?  
Por que não me recolho na disciplina objetiva?  
Prefiro perambular pelos teus âmbitos de contemplação!  
Debalde percorrer os teus recantos!  
Eu partirei, levando as imagens vívidas.  
Quando voltarei a sentir o alento do vento diante do mar?  
Fortaleza, olha o teu cantor!  
O que vive no limite da ousadia.  
O que vive perplexo.  
O que se dedica às percepções visuais,  
recolhendo-se em raro ensimesmamento.  
Cantando toadas místicas na tua intenção,  
cortejando as tuas musas com emoção sincera.  
Vejo a viagem das nuvens, o eflúvio azul.  
Se pudesse, fixaria o êxtase efêmero da tarde.  
O vento e os pássaros - heranças da infância.  
Fortaleza, só em ti contemplo esse céu sem mágoa.

Mas por que estou melancólico,  
se entro em teus portais coroado de glória?  
Na perspectiva dos moinhos  
o mar imerge no hidrogênio dos páramos.  
As brumas configuram imagens hipnotizadoras,  
bebo o orvalho das ondas em haustos.  
Sou o andarilho que se embevece com a visão dos navios.  
Fortaleza, pérola do mar,  
diamante do verão, engenho lírico,  
ando seduzido pelas tuas noites cálidas.  
Tenho o rumor do mar onipresente em meus ouvidos.  
Há flores litorâneas em tuas calçadas.  
São meninas graciosas, filhas do sol.  
São sereias que o luar fecundou nas areias.  
A tarde nunca estive tão romântica.  
Nunca o céu teve essa cor clarividente.  
Por que medito assim, magnânimo e nostálgico?  
Tarde lápis-lazúli, de sombras venerandas,  
sinto a efusão da natureza para além do ruído das máquinas.  
Cada minuto é um prenúncio de eternidade no transbordante agora.  
No entanto, a hora fluida se esvai ante os meus olhos transitórios.  
Foram poentes, foram adeuses,  
foram tardes assim que me fizeram poeta.  
Foram aromas, tonalidades, perplexidades e cânticos.  
Foi certamente o mar – semeador de encantos.  
Foram todos os teus adornos e paisagens.  
Teus fulgores, teus quebrantos azuis.  
Amanhece noturno na superfície do mar.  
O fogo da esperança acende os horizontes.  
Fortaleza dos quintais líricos,  
tu que tens coqueiros como sedutoras torres  
e horizontes de serenidade.  
Em meio à aflição das avenidas, resplandeces crepuscular.  
Ando nas nuvens, tendo os pés no chão.  
Vejo com olhos de outrora o teu céu de andorinhas.  
Nas ramagens, vejo o verde da vida  
e a sombra da desilusão me acompanha.  
A tua lembrança me conforta.

## 5ª Parte

Quisera compreender o meu pensamento através de conceitos,  
pensamento altivo, concreto.

Mente plena de si mesma e das idéias da alma e sua realidade.

Quisera entender a razão libertadora de mim,  
na solidão dos meus sentimentos.

Não quero mais o mundo como inimigo.

Preciso reabilitar-me perante a sociedade,

mas o que é a sociedade dos homens,  
que justifique uma atitude de condescendência?

Não devo nada ao sistema de valores  
que os mortais forjaram para o seu próprio cativo.

Só a mim e às vozes de Deus tenho contas a prestar.

O resto é silêncio.

Entender a verdade nas manifestações artísticas,  
os sentidos encantados pelas emoções intuitivas.

Sentir-me satisfeito num mosteiro

e ter a verdade impressa no coração.

Todos se sabem racionais em suas concepções.

Só eu não me acalmo,

mesmo tendo o dom destes alumbramentos.

Meu coração, por que entristeces

quando a noite cai sobre a cidade?

A cidade me dá repugnância com suas entranhas fétidas.

A noite está encantada pelos ventos lunares

e tem um guia nesta hora, quem navega em águas abissais.

Nos ermos ou na floresta,

a ave perscruta os ares,

buscando nas sombras a direção do ninho.

E se esta noite a lua cheia é guardiã,

por que entristeces agora, meu coração?

Entre o que vejo e o que sinto existe um abismo.

Minhas percepções rejeitam as impressões que tenho,

causando o atrito de estar entre as pessoas

e a devastação das coisas.

Perplexo ante o quadro macabro do desespero humano,  
fujo do precipício do passado  
e me lanço no desperdício do futuro.

- Eu vencerei as duras provações.
- Saberei retirar libações puras  
do fundo do oceano de veneno.
- Conquistarei a taça dos heróis.

Eu lia um livro que o tempo me tomou das mãos.  
Recuperei-o depois e era um tesouro, um vento,  
natureza que se ofertou.

Adentrei os pórticos da infância:  
era tristeza, era desterro,  
a plenitude violentada e o sonho infamado.  
Quis o mundo e me perdi no invisível.  
Caí no pesadelo de suportar os dias irrealis.  
Dar razão a todos, renunciar-me, perder ilusões.  
Negar esperanças, arrastar ergástulos de mim.  
Recostar-me à margem dos precipícios,  
vencer-me os tremores místicos,  
curvando os ombros e envelhecendo...  
Ah, vida feita de resignar-se...

Poeta, lembra-te de Zoroastro  
e acende a chama na planície do coração!  
A poesia é divina  
e cada poeta é grande em sua dicção.  
A inspiração não escolhe a quem,  
mas antes vem o mérito e o dom da recompensa.  
Vejo os verdes montes cobertos de ternura  
e recolho os madrigais da ventura.  
Poeta sou e de ânimo celeste coroei-me a frente.  
Não por mim mesmo, mas pela fonte do dia.  
Pela luz das serenas alturas,  
pela estrela rútila das madrugadas.  
É por ela que venho colhendo alvoradas.

Ontem, alma embargada de travos de amargura,  
pesavam-me turvos pensamentos.  
Infenso à ínfima psicofera,  
carpia as mágoas do sentir.  
Nas minhas incoerências refletiam ecos da dor do que fui.  
Angústias, neurastenias,  
lágrimas que chorei sem lágrimas.  
Noite na aura e o torpor dos remorsos,  
erosão borbulhando, toldando as águas íntimas,  
redemoinhos revirando o pó das emoções.  
Hoje, um fabuloso fluxo de energia lançou-me a outro polo.  
Estabeleceu-se um turbilhão de memórias em mim.  
Índio que me tornei no meio do tempo.  
Como as coisas do mundo me decepcionam!  
Só na contemplação entendo o colosso da vida.  
Estranho como a vida se faz urgente, de súbito!

Pelas teias do arrebol,  
quis-me a fortuna iludir.  
O poente esconde o Sol,  
mas é de aurora o porvir.

Errante no tempo andei,  
em sonhos mirabolantes,  
por paraísos distantes,  
feliz; de mim mesmo, rei.

Onde um salgueiro gemia  
em solidão fui sentar.  
Tarde cinza, brisa fria,  
me perdi no meu sonhar.

O mundo começou aqui,  
nesse momento de outrora.  
Tudo quanto senti,  
revive o luar de agora.

O lugar de tal virtude  
é o tempo de sempre amar.  
Mergulho de plenitude,  
tempo de eterno voar.

No abismo da noite acesa,  
um anjo me conduziu.  
Libertou minha alma presa,  
seu olhar me seduziu.



## Márcio Catunda - CURRICULUM BIBLIOGRÁFICO

Nascimento: 22/05/1957, Fortaleza, CE.

Formação: **Faculdade de Direito**, Universidade Federal do Ceará, 1979;

**Instituto Rio Branco**, Brasília, 1985, com ingresso na Carreira Diplomática em 1985; e

**Faculdade de Letras**, CEUB, Brasília, 1989.

### CARREIRA DIPLOMÁTICA

**EMBAIXADA DO BRASIL**, Lima, Peru, de 1991 a 1994, Secretário.

**CONSULADO DO BRASIL**, Genebra, Suíça, de 1994 a 1997, Cônsul-Adjunto.

**EMBAIXADA DO BRASIL**, Sófia, Bulgária, de 1998 a 2000, Conselheiro.

**EMBAIXADA DO BRASIL**, São Domingos, República Dominicana, de 2002 a 2005, Conselheiro Comissionado.

**CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa)**, Lisboa, 2005, Assessor Cultural.

### MOVIMENTOS CULTURAIS DE QUE PARTICIPOU:

Presidente do Clube dos Poetas Cearenses, em Fortaleza, 1975.

Fundador do Grupo Siriará, em Fortaleza, 1985.

Residiu no Rio de Janeiro, em 1982, havendo frequentado o círculo de reuniões denominado “Sabadoyle”, na companhia de Carlos Drummond de Andrade e outros famosos escritores residentes naquela cidade. Em 1983, em Fortaleza, organizou, com outros poetas, o evento denominado “Chuva de Poesia”, que se constituiu no lançamento, de helicóptero, na Praça do Ferreira (centro de Fortaleza), de 160.000 folhetos, com poemas de mais de oitenta poetas cearenses.

Em 1984, ingressou na Associação Nacional de Escritores, de Brasília, passando a estabelecer intercâmbio com escritores de todas as regiões brasileiras. Em 1992, fundou, em Lima, Peru, com os poetas peruanos Eduardo Rada, Regina Flores e Eli Martin, o grupo REME, que organizou recitais e publicou livros, no período de 1992 a 1994. De 1996 a 1997, participou, em Genebra, Suíça, da Associação de Escritores Genebrinos. De 2002 a 2005, participou, em São Domingos, República Dominicana, de uma associação de poetas dedicados ao estudo da metapoesia.

### **COLABORAÇÃO EM REVISTAS E JORNAIS:**

Publicou poemas, ensaios e contos, em revistas e jornais de diversos Estados brasileiros, dentre os quais a “Revista da Academia Cearense de Letras”, as revistas “Literatura”, de Brasília, e «Literapia», de Fortaleza; bem como, os jornais “O Povo”, “Diário do Nordeste” e “Tribuna do Ceará”, de Fortaleza; “Correio Braziliense” e “Jornal de Brasília”, da Capital brasileira; “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro; “Suplemento Literário de Minas Gerais”; jornal da Associação Nacional dos Escritores, de Brasília; além de outras publicações independentes ou alternativas, inclusive, periódicos eletrônicos, como o “Jornal de Poesia”, e outros.

### **INÉDITOS:**

Ficções do Segredo, *novelas*, Luz sobre la Historia, *poesia*.

### **BIBLIOGRAFIA:**

Poemas de Hoje, **1976 (com Natalício Barroso Filho), Fortaleza – CE .**

Incendiário de Mitos, *poesia*, **1980, Fortaleza – CE.**

Navio Espacial, *poesia*, **1981, Fortaleza – CE.**

Estórias do Destino e a Pérfida Perfeição, *contos e poesia*, **1982, Fortaleza – CE.**

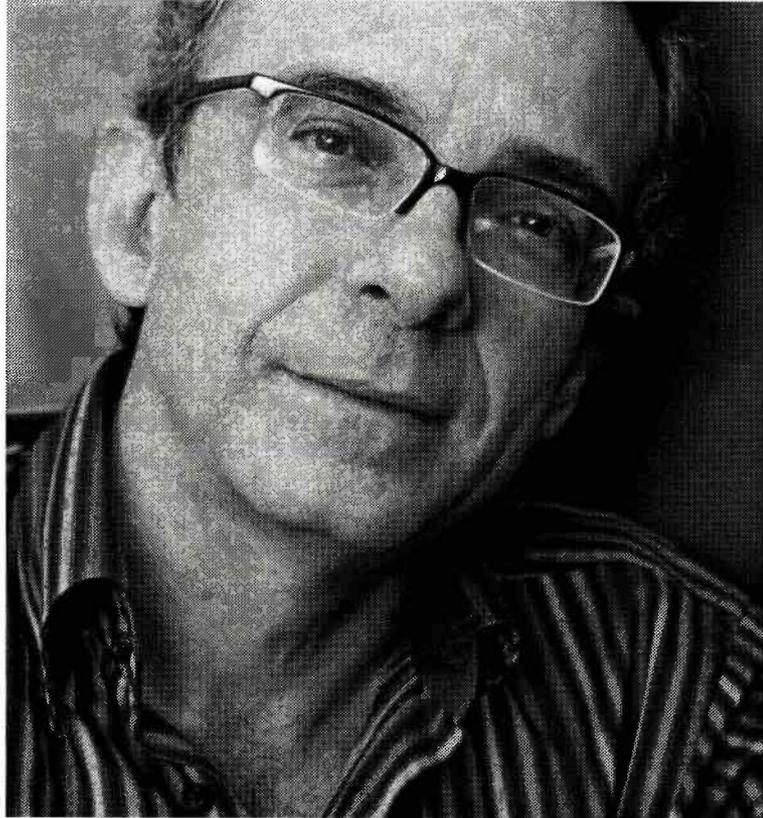
O Evangelho da Iluminação, *poesia*, **1983, Fortaleza – CE.**

A Quintessência do Enigma, *poesia*, **1986, Brasília – DF.**

Purificações, *poesia*, 1987, Rio de Janeiro – RJ .  
 O Encantador de Estrelas, *poesia*, 1988, Brasília –DF .  
 Sortilégio Marítimo, *poesia*, 1991, São Paulo – SP.  
 Los Pilares del Esplendor, *poesia*, 1992, Lima – Peru .  
 Llave Maestra, *poesia*, 1994, Lima - Peru (com três poetas peruanos) .  
 A Essência da Espiritualidade, *ensaios*, 1994, Lima – Peru.  
 Poèmes Écologiques, *poesia*, 1996, Bellegarde – França.  
 Anima Lírica, *CD de poemas musicados*, 1997, Genebra – Suíça.  
 Anthologie Sonore, *CD de poemas recitados em três idiomas*, 1997,  
**Genebra - Suíça.**  
 Mário Gomes, Poeta, Santo e Bandido, *biografia*, 1997, São Paulo – SP.  
 Rosas de Fogo, *poesia*, 1998, Rio de Janeiro – RJ.  
 Água Lustral, *poesia*, 1998, Rio de Janeiro – RJ  
 Estância Cearense, 1999, Fortaleza – CE.  
 À Sombra das Horas, Antologia (*poemas traduzidos em búlgaro*),  
**1999, Sófia – Bulgária.**  
 Na Trilha dos Eleitos-Volume I, *ensaios*, 1999, Rio de Janeiro – RJ.  
 No Chão do Destino, *poesia*, 1999, Vitória – ES.  
 Crescente, *poemas musicados*, 1999, Sófia – Bulgária .  
 London Gardens and other journeys, *poesia*, 2000, Sófia – Bulgária.  
 Verbo Imaginário, *Antologia (CD com poemas lidos pelo autor)*,  
**2000, Sofia – Bulgária.**  
 Na Trilha dos Eleitos - Volume II, *ensaios*, 2000, Campinas –SP.  
 Noites Claras, *poemas musicados em CD*, 2001, Sófia – Bulgária.  
 Mística Beleza, *poemas musicados em CD*, 2003, Brasília – DF.  
 Rios, *Antologia de poemas de cinco autores (com os poetas  
 Thereza Christina Rocque da Motta, Elaine Pauvalid, Tanussi  
 Cardoso e Ricardo Alfaya)*, Rio de Janeiro, 2003.  
 Madrid y otros Idilios, 2004, *poesia*, São Domingos, República Dominicana.  
 Sintaxe do Tempo, *poesia*, 2005, Fortaleza – CE.  
 Plenitude Visionária, *poesia*, 2007, Lisboa.  
 O Dom de Orfeu, *poemas musicados*, 2007, Madrid.  
 Sintagmas do Labirinto, *poesia*, 2008, Fortaleza.  
 Bem-te-vi, *poemas musicados*, 2008, Madrid.  
 Itinerário Sentimental, *poemas musicados*, 2008, Madrid.  
 Palavras Singulares, *ensaios*, 2008, Lisboa.



Márcio Catunda





**Ricardo Alfaya**

**FRUTOS DA PAIXÃO**

Rio de Janeiro  
2009



*Com prazer, registro o recebimento de Rios (bela edição!). Já li há pouco sua seção (Sujeito a Objetos) e constatei uma poesia segura, com bom domínio rítmico e originalidade imagística, atributos essenciais para um trabalho de qualidade como o seu. (Antonio Carlos Secchin, carta de 01.10.2003).*

*Sua poesia, Ricardo, é carregada de pensamento e de indagações, em boa linguagem. É meditativa e elíptica, do que é paradigma exatamente Meditação, poema que se destaca, em Sujeito a Objetos, pelo poder de sugestão deflagrado em tão poucas linhas. É sarcástica em Lição de Anatomia, por exemplo. Jogos de palavras bem conduzidos. Enfim, uma poesia sóbria, digna e cativante. (Anderson Braga Horta, carta de 28.10.2003).*

*Dialogando com teu texto: nu e cru, dentro e fora do tempo, eterno tema tão caro à poesia. Sujeito entre objetos, como caber o poeta dentro de si mesmo? Precisando de roupas e fantasias que cubram seu corpo, para que ele possa se descobrir, o poeta tem é de caber no extravasar da palavra. Desejando-te sucesso, abraço fraterno. (Olga Savary, carta de 25.10.2003).*

*Parabéns pelo lançamento de Rios, antologia que, pelos nomes que reúne, já se afirma como um marco editorial (Fernando Fábio Fiorese Furtado, e-mail de 25.11.2003).*

*Recebi seu dossiê e livros: Através da Vidraça e Sujeito a Objetos (in Antologia). Agradeço esse substancial material enviado, indispensável para o estudo panorâmico que venho tentando fazer da Literatura Brasileira Contemporânea. (Nelly Novaes Coelho, carta de 05.07.2004).*

*A respeito de Rios, Rogério Salgado, em artigo de dezembro de 2003, no Correio do Sul de Minas, o considera uma das melhores reuniões de poetas já surgidas nos últimos tempos. O Linguagem Viva, São Paulo-SP, nº 173, janeiro 2004, de Adriano Nogueira e Rosani Abou Adal, afirma que se trata de um bom livro, um dos melhores publicados em 2003.*



## APRESENTAÇÃO

No início dos contatos para a realização de “*Vertentes*”, apresentei ao grupo trabalhos de *Frutos da Paixão*. Elaine Pauvolid, uma das participantes, comentou que percebia certa *mudança de estilo: vislumbro agora em sua poesia uma assinatura mais comprometida com o sujeito Ricardo*. (Elaine Pauvolid, em e-mail de junho de 2008). De fato, agora lanço um conjunto em que a preocupação central não é focada nem no social, nem no filosófico, nem no formal. Pela primeira vez, embora comedidamente, falo de paixão e celebro a vida.

Há poemas de 2003 a 2006. Porém, a maior parte foi realizada entre 2006 e 2008, após muitas mudanças de endereço e de transformações em minha vida pessoal.

Passando a residir só, na Glória, descubro e experimento as excitantes, singulares e também assustadoras possibilidades de relacionamento, a partir de contatos oriundos da Internet. Paixões virtuais intensas, arrebatadoras, mas que se permitem aparecer e desaparecer na velocidade da luz, em conformidade com o ritmo e as contradições da própria mídia em que nascem.

Naturalmente, nem todos os poemas aqui falarão de amor, nem todos serão celebração. No entanto, os escolhidos tiveram, de algum modo, sua gênese nesse clima.

**Ricardo Alfaya**, Rio de Janeiro, 12 de junho de 2008, Dia dos Namorados.



## **DEPOIS QUE A VIDA ENTROU EM MINHA VIDA**

Indagar de teus mistérios  
Conhecer a intimidade  
dos teus véus  
Desnudar o teu seio  
coberto de tranças

Vida

Quando danças  
a formosura é tanta  
de causar vertigem

Deixa para lá o que dizem  
Tu és mitológica criatura  
Vênus  
Divino Ser  
Senhora de escuridão e luzes

## **DAS PAIXÕES**

Chuva  
raios e trovões  
batem  
em meu corpo nu  
Onde o copo  
para colher  
a tempestade?

## MULHER NO CAMPO ENTRE MARGARIDAS

Encontro em meu canto  
a mulher do campo  
Flagro-a plantando meu futuro alimento  
Olho-a de longe  
com meu olhar suspenso  
na esperança de colher um sorriso branco

## GRAVIDADE

Não sei bem o que me traz  
se a seca da água  
se o pranto da Terra  
Sei talvez o que me trai  
o jeito de sonho  
de completo abandono  
O que me leva  
ora é o vento  
ora  
a névoa

## BALANÇO

Dois olhos  
Dois braços  
Dois seios  
Duas pernas  
Um poema

## **NOTA DE RODAPÉ**

As noites dançam  
Conforme a musa  
As noites passam  
No rodopio dos pés  
Balés  
Boleros  
Músicas curvas  
Céus que desabam  
Estrelas

## **SAUDADE**

Saudade é sal  
Nos olhos  
Faz chorar

## **PRAIA**

O Sol  
brilha  
em você

## **RUA AJURATUBA, QUARTO ANDAR**

Branca  
cigana  
bianca  
clara bailarina  
Você linda  
livre  
sorrindo na vila  
E eu sozinho aqui dentro  
Trancado  
no ai de mim deste apartamento

## **ALÉM DO VÉU**

Seus olhos  
olham-me de volta  
Abrem-me a porta

## **ALTA ESPIONAGEM**

Espiou-a da janela todos os dias  
até a imagem fixar-lhe na mente  
passando a frequentar-lhe os sonhos  
Só então  
pôde voltar a dormir

## **FRUTOS DA PAIXÃO**

Frutos da paixão  
mil e um sabores  
frutos multidores  
de aromas e cores  
Frutos do mar do amor  
espremidos no amasso  
deixados no bagaço  
no duro jogo  
do todos são de todos  
e do ninguém é de ninguém  
Frutos da paixão  
beijos roubados  
furtos solitários  
corações

## **DANÇANDO AS CANÇÕES**

Danço as canções  
no improvisado da vida  
Anexo alegrias e decepções  
Meu poder é o de resolver  
entre o dançar e o sofrer

## **DÚVIDA NO ALMOX**

De quantas asas ainda necessito  
para enfim levantar voo?

## **PALESTRA PARA APLAUSO**

Olhei para o dia  
sem paixão  
sem filosofia  
Olhei como se fora  
o que parecia  
Falei de mim e da vida  
do jeito que se esperava  
Desdenhei a influência dos astros  
recusei os conselhos dos magos  
Com elegância e empirismo  
ignorei a polissemia dos signos  
Sem demais quimeras  
resumi os fatos à mera  
evidência dos atos  
Ao final todos aplaudiram e se foram  
felizes para o de sempre

## **EM TEMPO**

Pegar a colher  
Colher fartura  
Respirar todas as fragrâncias  
Embriagar-me de vida

## **PERCEPÇÃO**

Subitamente  
consciente do ridículo  
interrompo o poema

## **PERFÍDIA**

Não sei se sumo de frutas  
Não sei se sumo pontífice  
Não sei se sumo daqui  
Só sei que  
Só  
Invento musas morenas  
Que só  
Bebo  
O beijo de minha poesia  
E ela me trai

## **À LUZ DE VELAS ZANZEI (DOIS)**

À luz de velas zanzei  
Bem sei  
Perdi-me por aí  
Perdi-me de ti  
Mas quem tem a certeza dos caminhos?  
Entre mim e mim  
Um espaço imenso

## **DA SALVAÇÃO**

Ninguém  
salva daqui  
ou dali  
um outro alguém  
Ninguém salva mesmo ninguém  
Inútil a salva de palmas

## **MENINO SEM ENGENHO**

Sem jeito ou traquejo  
traquinas maroto garoto ainda  
trocando pernas na fazenda  
avanço em terreno interdito  
furtiva doída sina  
minha senhora sinhazinha  
Eu preto perto do branco  
lençol de sua cama sinhá-moça  
ó desejoso me consumindo  
e cães lá fora uivando  
visões de um futuro impossível  
De joelhos esfregando  
o chão do seu quarto trabalhoso  
em completo segredo contemplo  
vossa formosa e proibida brancura  
senhorinha

## **SEM SAÍDA**

Não é de pedra  
este coração  
Nem de asa  
de avião  
Ele está preso  
aqui dentro  
Não tem como voar  
Não tem como fugir  
da dor  
de te rever

## **ABANDONO DANTESCO**

Como posso quedar-me  
quieto no leito  
Se me inquieta  
a lembrança de teu canto  
Se me atormenta  
a memória de teu riso  
que faz comédia  
da queda do meu paraíso?

## **POEMA PARA AS PAREDES**

Escrevo para o branco das paredes  
E finjo que têm ouvidos

## **A QUEDA**

Poemas  
Caem do céu  
Feito  
Relâmpagos  
À tarde  
Partem  
Pessoas  
Em diversos veículos  
Rumo a rumos  
Ignorados  
Desde a queda

## **NOITE NA GLÓRIA**

Noite  
ausência de luz  
ausência de ti  
Glória:  
caminho pelo quarto e sala  
vazio  
Na janela  
se erguer bem o braço  
toco o Pão de Açúcar  
Espanto  
com a mão  
duas ou três lembranças  
um sonho antigo  
e meio pensamento tolo

## **AMOR PONTO COM**

Não era Maria, Helena ou Jussara.  
Não era Tânia ou Vânia,  
de beleza tão rara.  
Não era Ivete, pantera dos olhos de jade.  
Muito menos Rosa ou Sandra,  
nem Júlia, nem Carla ou Vivian.  
Não era a dançarina do ventre de Nova Iguaçu  
ou a feroz leonina de Vila da Penha.  
Não era a professorinha dengosa de Copacabana  
ou a fogosa mulata do Rio Comprido.  
Muitas até pareciam,  
nenhuma era Ela.

## **O ESTRANGEIRO**

Entre o aroma de banho à tarde  
das estudantes que pensavam  
ter uma vida inteira pela frente  
desfilava sua última esperança  
vestida num sorriso bem passado

## **NA MESA EM FRENTE**

A substância etílica  
emergiu da garrafa  
e flutuou na noite  
como se espírito fosse  
Indiferente ao fenômeno  
relativamente invisível  
um homem brindava

## **FRAGMENTO DA ESCURIDÃO**

O que o trêmulo bailado da sombra revela  
é que o vento pode tocar a pétala de luz  
E que há uma luz de vela que dança  
Há uma luz  
(recôndita lembrança)  
Há uma luz  
que vela

## **NUM BAR DA GLÓRIA**

Atravesse a rua  
o riso atravessado  
a garganta seca  
Diante do bar verá  
a mulher que deseja  
todos os finais de semana  
na roda de cerveja  
Você passa pela mesa  
nem sabe se ela o vê  
Perdida entre copos  
e risos vazios  
Você tão só  
tão sóbrio  
À noite escreverá  
mais um verso  
que ela desconhecerá

## **PETISCO DA VIDA**

Como a vida  
Como um doce  
Como se fosse

## **RUA EM FOGO**

Ruidoso crepitar  
dos cabelos ruivos  
revirando ao vento

## **POEMA EM CLARO**

Este poema  
sem ti  
sem sentimento  
Esta peça ambulante  
este perfume barato  
que no fundo do prato  
nem vale o pesar  
Este artefato moderno  
que embora tão leve  
é incapaz de voar

## **POEMA DO BREJO**

Se a fêmea do boi  
fosse boa  
Seria a vida?

## **FEIRA LIVRE**

Tu me olhas  
com esses olhos  
de abóbora

Te devoro

## **FOI ASSIM**

Você se foi  
Você  
foice  
Cortou tudo  
de mim  
Até  
o  
Fi  
m

## **DO SILENCIOSO ADEUS**

O tempo doloroso e lento da espera  
pouco a pouco se escoando  
O derradeiro minuto anterior às 22 horas  
Última esperança perdida  
Você não ligou  
Fio partido entre nós

## **TELEFONIA**

Alguém me atenda  
Alguém me entenda  
Não me deixem fora do gancho

## **SOLIDÃO**

Se você não está  
com quem gostaria de estar  
está sozinho

## **PENSANDO NÉLIA**

Não sei bem o que me mata.  
Ouvir *dance* alivia.  
Faz parecer que tudo é céu,  
estrela, astronomia.  
Dá até para sonhar  
ser noite todo o dia.  
Mas quando a música se cala,  
penso Nela, que se foi de repente,  
deixando-me sem forças e sem vontade.  
Há que tirar esse peso todo,  
Erguer, não sei com que mãos, a cabeça.

## **PENA QUE**

Alva  
Pluma  
Pena que  
De tão leve  
Mal me tocou  
Meia-noite em ponto  
Último ato  
Bateu asas  
E voou  
Nem deixou sapato

## **SAUDADE DE ABRIL**

Que escudo usar  
para se proteger  
da pancada da saudade?

## **A MORENA E O JARDIM**

Sobre a terra seca  
flores violetas  
em contraponto  
com uma blusa rosa  
Ornamento cor de amor  
que enfeitava  
o corpo infinitamente  
branco e sensual  
da mais bela morena  
jamais vista  
por um jardim

## **A ROSA DE GOIÂNIA**

A foto de uma rosa mulher  
contra o verde de um parque qualquer  
Um parque por certo longe do Rio  
longe de mim  
A rosa morena e branca  
que por um acaso  
num domingo de março  
pela Internet  
fez-se de mim visitante

## **FUI**

Fui muito longe  
Distante demais  
Quase fujo de mim

## **OLHOS DE JADE**

Não pretendo alimentar discussões  
Muito menos com a morena  
dos olhos de jade  
Será sempre dela o gosto da vitória  
Pois tomou para si o meu coração  
E eu  
o dela  
não

## **CADENTE**

De repente  
a estrela mais distante  
se revela  
ser aquela  
que mais parecia  
ao alcance da mão

## **PRESENTIMENTO**

Pressinto  
O que importa  
se resume  
no que sinto

## **SIMPLES ARITMÉTICA**

As noites são mais belas  
quando vemos  
estrelas das janelas

## **DURO SACRIFÍCIO**

Por toda parte constato  
a vitória do arcaico  
Mãos ao alto me rendo  
Enfrento o duro sacrifício  
O impossível falar dessas rosas  
desses espinhos ao vento  
Chove lá fora e a criança ri  
Que posso extrair daí  
se da frente da boca  
já lhe extraíram todos os dentes?  
A chuva me flecha  
sangro poesia por todos os lados

## **DOLOROSO STATUS**

Dói-me uma dor qualquer  
sem qualquer pretensão  
no dedão do pé  
Dói-me mais que o coração  
Mas quem dá valor  
a uma dor assim  
tão rente ao chão?

## **O FUGITIVO**

Pega!  
Pega!  
Pega!  
Este momento.

## **NÁDIA**

Já  
Não  
Ligo  
Mais  
Pra  
Nádia  
Ela  
Não  
Liga  
Pra  
Mim

## **UM LOBO NO RÉVEILLON**

Mais um ano findo  
Amasso aos poucos  
num canto  
a velha  
folhinha  
rindo

## **VOU VIAJAR MEU AMOR**

Não fique triste  
A vida passa depressa  
Quanto mais  
uma semana

## **SEM TROCO**

Você me disse  
que me deu todo o seu amor  
Isso parece muito  
Desculpe  
estou sem troco  
Tudo o que tenho no fundo  
é ainda pouco  
Aceita um vale-transporte?

## **BRINQUEDO**

Poema  
é brinquedo  
Somente  
se quebrando  
O poeta  
descobre o segredo

## **VIA LÁCTEA**

A poesia se desfaz  
dos véus  
Poemas em pó  
caem dos céus  
Descem dos seios  
de meu Deus

## **A LOURA DA TIJUCA**

Linda loura da Tijuca  
se dizia  
louca por mim  
Num shopping todos os dias  
o dia todo trabalhava  
sem trégua  
sem fim  
Nas folgas  
cuidava da casa  
do filho  
dos pais  
das contas  
Ainda vendia  
Avon e Natura  
(vivia numa dura)  
De madrugada  
às vezes a gente teclava  
nosso amor impossível

## **QUERO É DANÇAR E FAZER AMOR**

Esquecer o trânsito,  
o mau humor, a pressa.  
O cara que assaltou sei lá quem,  
na manchete de ontem.  
O mundo não se conserta.  
Fora!  
Tudo que estressa!

## **MUITO PRAZER**

És o alimento  
que sacia  
o meu corpo  
A água  
que inunda  
o meu sangue  
O corpo  
que transborda  
o meu desejo  
O beijo  
que abençoa  
a minha carne

## **FOI LINDO**

Foi lindo  
inteiramente amar-te  
É findo  
completamente  
Assim de repente  
sem nenhum culpado  
sem claro motivo

## **ETERNO**

Do nosso eterno amor  
sobrou só  
este poema

## **À BEIRA DO REMORSO**

Não tinha medo de Deus  
nem dos homens  
Tinha um medo obscuro de si  
Não era sempre o mesmo vinho  
Amanhã talvez  
declarada  
a paixão  
fosse só  
arrependimento amargo  
— e já seria tarde  
Sabia que as paredes tinham ouvidos  
olhos  
boca  
dentes  
língua  
E que devoram os habitantes de seus interiores  
implacavelmente

## **LABAREDA**

Sumamente aflita  
A alma grita  
Lança luz  
Como se fogo  
Fosse  
Dança

## POEMA PARA JU

Talvez eu esteja procedendo assim  
como o garimpeiro que encontrasse  
o mais precioso diamante  
e o confundisse com pedra comum  
Talvez esteja fazendo  
feito certo jardineiro tonto  
que semeou a mais linda rosa  
mas a deixou sozinha  
entregue à própria sorte  
(exposta a ser arrancada da terra  
pelo primeiro patife ou aventureiro)  
Talvez eu esteja agindo  
como aquele amante tolo  
que perante a mais bela mulher  
procurada pela vida inteira  
apenas passasse por ela  
sem reconhecê-la

## DIANTE DO

Perante o amor,  
curve-se.  
Pois curvar-se  
ao supremo  
não suprime.  
É sublime.

**LET THE MUSIC PLAY IN THE LAST DANCE**  
(poema remix - R. Alfaya feat. Barry White and  
Donna Summer)

Hei, *Mister D.J.*,  
deixe a música tocar na noite.  
Esta é minha *last dance*.  
A última chance  
não tanto de te encontrar  
minha parceira  
Mas de esquecer de mim um pouco  
Rodar o disco solto  
pelo salão *noir*  
Sem compromisso.

**O FUNDO DO POÇO**

Torrencialmente cai a chuva lá fora  
Emparedado no frio cotidiano  
sabe-se um alvo fácil  
para qualquer esperta paixão  
Entre a poesia e o medo  
arrisca a vida na esperança de calor  
Tudo é literatura — sorri  
A água se mexe no fundo do poço

## **VIRTUALMENTE TE ESPERO**

Uma e quarenta e três.  
Dou adeus ao sábado mais que findo,  
e antes de dormir para acordar no domingo,  
no Windows Explorer abro certa pasta:  
quatro retratos com perfume.  
Olho com carinho mais uma vez as fotos.  
Atrás de mim a cama de casal aguarda vazia.  
No entanto, espero que amanhã seja tudo diferente.  
À noite, tua voz, morena, perfumada e ardente,  
entrará em minha casa pela linha telefônica  
e seguirá até o fundo de meu coração desocupado.

## **SEI QUE VOU TE ENCONTRAR**

Meu corpo solitário  
Sonha com o teu  
Imaginário  
Caminho na bruma  
Sei que em algum ponto  
Você me espera  
Procuro-te nos olhos  
De cada linda mulher que vejo  
Porque sei que vou te encontrar  
Cara a cara  
Boca a boca  
Num beijo.

**RICARDO INGENITO ALFAYA** é carioca, de 08.08.1953. Filho do espanhol Ricardo Ambrosio Alfaya Garcia e da mineira, descendente de italianos, Maria do Carmo Ingenito Alfaya. Divorciado, sem filhos. Formado em Direito pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e em Comunicação Social, Jornalismo, pela Facha (Faculdades Integradas Hélio Alonso). Publica em vários gêneros, desde 1980, constando em mais de 70 diferentes periódicos do Brasil e do exterior, e de catálogos de mostras de poesia visual.

Autor dos livros: *Através da Vidraça*, poesia, São Paulo, Poeco Editores (atual João Scortecci Editora), 1982. *Sujeito a Objetos*, inserido em *Rios*, coletânea de Poemas, Rio de Janeiro, Ibis Libris, 2003, obra coordenada e patrocinada por Márcio Catunda, e onde também se acham Elaine Pauvolid, Tanussi Cardoso e Thereza Christina Rocque da Motta.

Integra 23 antologias, obteve 22 prêmios literários, destacando sua inclusão por Leila Mícolis no projeto *Brasil 500 Anos de Poesia*, seleção dos mais significativos nomes da poesia brasileira, desde suas origens. Citado pelo escritor, doutor em Letras, Joaquim Branco no quadro de *Principais Autores*, dentre os *poetas e ficcionistas contemporâneos*, na página cinco de *Do Pré ao Pós-Moderno, Literatura Brasileira II* (Proler, 1998), para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases (FAFIC). De 1995 a 2006, realizou 17 edições do *Nozarte Informativo Impresso e Eletrônico*, premiado pela IWA, *International Writers Association*, Estados Unidos, em 1995. Teve o poema *Padaria Rio Doce* classificado em segundo lugar por Affonso Romano de Sant'Anna, em concurso no qual foi o único julgador, em dezembro de 2000.

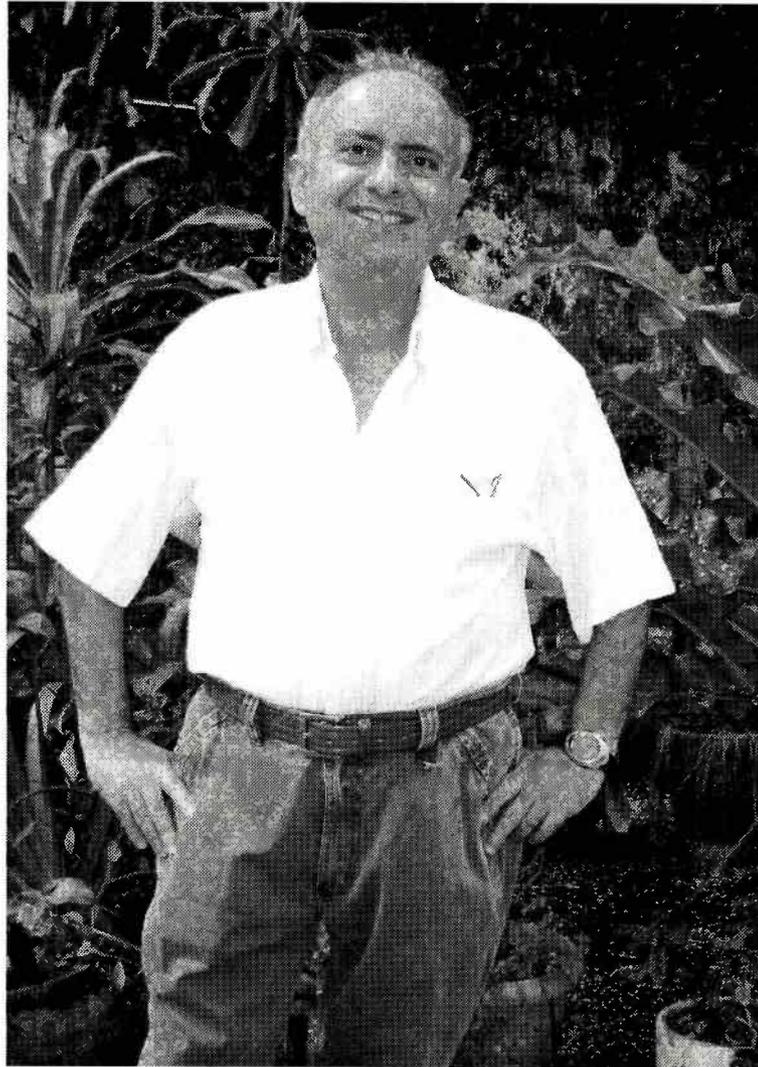
Recebeu, também, avaliações positivas de: Antonio Carlos Secchin, Olga Savary, Rogel Samuel, Nelly Novaes Coelho, Soares Feitosa, Anderson Braga Horta, P. J. Ribeiro, Ronaldo Cagiano, Jurema Barreto de Souza ("A Cigarra"), Eunice Mendes e Walmor Dario dos S. C. ("Poetizando"), Moacyr Cirne, Cecy Barbosa Campos, Hugo Pontes, Avelino de Araújo, Jayro Luna, Reynaldo Valinho Alvarez e outros.

CP 16134, Ag. Largo do Machado, Rio-RJ, 22221-971.

E-mail: [ricardo1292@hotmail.com](mailto:ricardo1292@hotmail.com)



Ricardo Alfaya





**Tanussi Cardoso**

**CARNE SERENA**

Rio de Janeiro  
2009



“Meu irmão,

Li *Carne Serena* com muito prazer, num só fôlego. Com distanciamento crítico, mas inevitável emoção. É muito bom! Tem unidade temática e tratamento formal harmônicos. A atmosfera, muitas vezes de prosa poética, serve bem ao tom confessional.

O livro consegue ser denso e leve, pela qualidade poética. O tema *morte* me atrai muito. E, com certeza, agrada de forma geral. Você trabalha tão bem as ambiguidades humanas, a complexidade dos desejos e sentimentos, que consegue transmitir, o tempo todo, uma atmosfera de vida. A morte enquanto vida, a vida subjacente, pulsando. Talvez seja a sua própria potência humana vibrando, apesar das dores e das mortes.

Não é um livro mórbido. Ao contrário, passa esperança. Consegue tocar a pureza da dor (sua desproteção e força). Consegue traduzir o intraduzível, através de símbolos muito bem garimpados:

“é como se a dor entrasse por dentro dos dentes  
lá dentro  
no escorrer do vidro da garganta  
mais fundo  
no escuro do escurecer do ventre  
onde o umbigo corta os nós  
e se morde”

Os temas vida / morte, na verdade, abarcam a existência. Todos os outros, como estão nestes impregnados, acabam sendo discutidos, trazidos à tona pelas imagens: a solidão, o amor, o medo, o tempo (tanta coisa rica em significado). Por isso, o livro não se limita à morte. O poema final é perfeito como fechamento.

Adorei! O livro é denso e etéreo.

Boa sorte.

Te amo.

Beijos da irmã, Carminha\*”

---

\*Carmen Moreno, escritora e poeta



*Escrever  
é me vingar do tédio  
e do tempo.  
É a maneira de regurgitar  
prazer e nojo.*



# DISSERTAÇÃO SOBRE A NUDEZ

1

Só a Morte é totalmente nua  
vestida em sua pudica grandeza.

2

A nudez real não nos toca  
a língua  
não acalma a carne.

3

A nudez inconquistada  
e sua insustentável leveza  
e seu imensurável vazio.

4

A nudez é bela porque carrega em si  
a possibilidade do impossível.

## LONGA JORNADA NOITE ADENTRO

I

Respiro profundamente o tédio da noite. Levanto-me e leio num jornal sobre a angústia de Graciliano. A vida fede lá fora e o poema se cristaliza. A vida se cristaliza. O medo. A solidão. O escuro dos olhos abertos. Mesmo a música que ultrapassa a parede, a janela, o apartamento, o 9º andar, parece subir através dos outros sentidos - mesmo a música fede. As vozes bêbadas, os gritos das putas coloridas e tristes. A covardia de não aceitar a dor que se abate, inexorável. Mesmo o suicídio que não vem, que não vinga, que medra. Mesmo o choro contido. Mesmo a vidraça que teima em não quebrar. E esse espelho me olhando.

II

Esses carros, essas buzinas, esses motoristas loucos gritando para ninguém na madrugada, essas gargalhadas frias e fatais, esses gatos fodendo nos telhados, esses pombos dormindo, esperando o milho do amanhã, essas migalhas em que os homens teimam em acreditar e chamam de amor, essas calcinhas sujas, esses paus purulentos, esses cornos machos, esses machos vestidos de silicone e azul, esses crédulos que chamam a tudo de vida. Prefiro meu desamparo, esse acordar solitário, essa masturbação venenosa, esse martírio sem Deus, essa ilha, esse museu de quadros bizarros, essa metamorfose que não se muda para lugar algum. Prefiro eu contra mim mesmo. O vinho é meu. Beberei seu germe e seu doce.

### III

A mesa está vazia dos restos do jantar. Há migalhas que o cachorro não comeu. As palavras deslizam desconexas e sujam o papel em branco, na madrugada de gritos abafados. Os sons começam a se esquecer de mim. Concentro-me em algo nebuloso, uma sombra qualquer, um fantasma sem nome. Nem meu cão chega perto. Sente o meu faro nada humano. Deus não está por perto. O que me dá um certo alívio e um sentido agudo de liberdade. Se me perguntarem, hoje, agora, pelo sentido da vida, resumiria: o amor está lá dentro. E eu agonizo.

### IV

A solidão nunca é só. Há sempre uma luz acesa. Um grito na rua. Um sono que não vem. Solidão para valer é silenciosa, sem alma, ruim para fora e para dentro. Solidão para valer não respira. Não pergunta. Incorruptível ao movimento do Planeta, aos espelhos que refletem sua cara, à poesia que se diz companheira, ao vinho que lhe entrega a taça, a Deus que lhe oferta orações. Solidão para valer vem para matar e morrer. Vem como torpor, esquecimento. *Eu sei.*

### V

Choro como um olho cego chora.  
Para dentro.  
Por dentro.

### VI

As horas passam devagar.  
Pesadas. Feito sombras.  
Como se carregassem ossos.  
Como o olhar de Deus.

## VII

A dor não é um corte. Um corte quase sempre sangra. A dor é mais. Recusa-se a saltar do precipício. Foge para dentro. Molha para dentro. Feito mar que recusasse a areia. A dor verdadeira não sangra. Finge que morre.

## VIII

Fios de equilíbrio entre a loucura e a sanidade,  
Os nervos se esticam enquanto a dor não passa.

Deus está embaixo com a rede de proteção.

## IX

Lágrimas não servem para nada.  
Só espantam a dor.  
Mas a dor é viva.  
Sempre retorna.  
Fênix.

## X

### A NOITE RI DOS QUE SOFREM

## XI

No quarto, meu amor dorme contra a morte.  
E vai vencê-la.

## XII

Arco de corda tênue, o corpo. Precisa de um artesão que o toque, que o transforme em aço, corda a soar violino. Só a Música de Deus pode salvá-lo. Ou uma tempestade de Mozart!

## XIII

Não preciso de nada. Só preciso do egoísmo da dor que sinto. Essa lágrima estúpida que esconde a fé. Que suspende a emoção da reza. A poesia se faz necessária, mas o que me consola? Quem me consola nesta noite de desconforto e amargura? Dorme meu amor no quarto. Lindamente. E eu, covarde, remexo baús e espero que o dia amanheça com seus dentes de desesperança. No quarto, o que aparenta viver permanece.

## XIV

O corpo é frágil. Não há alimento que o sustente. Verga-se sobre meus braços. Estrelas atingem-no como raios. É frágil o corpo. Tem febre. Pede socorro. Mas, forte, não ousa chorar sob seu orgulho. Diz tô bom, e ri, o corpo diante da dor. Assim a vence. Continua e, como a canção, pulsa! O corpo é forte.

## XV

O quarto é uma antecâmara. O amor está lá. Espera. Silencioso vulcão. O mundo continua a liquidificar suas guerras. Mas só no quarto existe vida. Porque o amor está lá. A pulsar. Silenciosa pluma.

## XVI

Tudo é mistério neste mundo de meu Deus! Os corvos de branco abrem e fecham as janelas dos hospitais. Eles vêm com suas máquinas mortíferas: seringas, tubos e infecções. O hospício é um jardim de ampolas e de sangue. Somos a lepra da humanidade, os doentes. Os incuráveis sem os deuses. Trazemos dentro de nós todas as guerras. O corpo é culpa. Mas pulsa. Apesar deles.

## XVII

Tão bonito o amor dormindo  
que dá pena acordá-lo!  
Traz o terço e a cruz nas mãos  
e uma luz que vem do mar!  
A fé brilhando na face  
é paz pra ninguém ceifar!

## XVIII

Do meu amor cuidado eu!

Das suas noites de breu  
Dos seus sapatos sem nó  
Do sal da fome e seu mel  
Das sombras de seus recatos  
Do olhar triste e seu rastro  
Do algodão em febre quente  
Do choro que vem dos céus

*Do meu amor cuidado eu!*

**XIX**

**QUIMIOTERAPIA É UMA DROGA!**

**XX**

**O 1º VÔMITO NUNCA SE ESQUECE.**

**XXI**

O vômito é o caminho das estrelas.  
Vomitando é espantar o medo e os fantasmas das dores.  
O corpo fica limpo.  
E adormece.  
Esperar o vômito é esperar a cura.

**XXII**

***THE SILENCE IS GOD.***

**XXIII**

Dentro do quarto  
as coisas repousam.

Dentro do quarto  
a vida espera.

## **XXIV**

Cada gemido, por menor que seja, é uivo de um trem noturno, que nunca passa. A espera da agonia por algo indefinível e sem nome (não sabemos o quê ou quem). Mas que persiste em nós, estação macabra e sem fé. Sem fim. Como o futuro.

## **XXV**

A cama, outrora, segredos de amor, desejo, paixão. Hoje, cárcere de um corpo doído e sem asas. Solidão.

## **XXVI**

Dizem que é mulher, a Morte. Não, a Morte é uma criança. Porque traz no rosto a esperança esculpida. A prece pérfida e corrompida da explosão da vida. Não é solene. É pura em sua dor de amiga. E má como a esperança que a habita. Traz brinquedos nas mãos, brilho nos olhos, e corta pescoços como Osíris. Em toda criança há uma dor futura. Uma humanidade póstuma perdida. Toda criança traz em si um pouco da Morte nela contida.

## **XXVII**

A Invisível tem olhos frios.  
Metálicos.  
Duros.  
Não brilha em fogo, nem em água.  
A Invisível tem olho de vidro.

### XXVIII

Urina e fezes, a Morte.  
Olho amarelo, icterícia.  
Olho cor de ouro.  
Merda verde e sangue, a Morte.  
E horror.

### XXIX

O Enigma, como tocá-Lo?  
O que sei sobre essa Onda escura  
Que me entristece a barriga e enerva os sentidos?

Serão sinônimos Enigma e Escuridão?

### XXX

Cansei.

Tenho medo.

### XXXI

As luzes da Terra se apagaram.  
Outras Luzes se acenderam.  
*A Morte se ilumina.*

## XXXII

Eis a porta  
por onde os anjos entrarão.

Cheiro de velas veste a sala,  
mistura-se às rosas e aos jasmíns.

Eles sabem da casa:  
cor, janelas, jardins.

Que vento leve soprará o morto?  
Que nome sombrio o dessa dor?

Ao redor da mesa, rezam.

Eles suspendem suas asas  
e cobrem-lhe o corpo.

*As unhas crescem sob os sapatos.*

(08/06/2006 a 04/02/2007)

## A NOITE, DEPOIS

“O que se foi  
não existe mais;  
O que não conseguia  
foi morto **de paz**”.  
(canção vinda num sonho)

### 1

De tudo que tive na vida restou o silêncio.  
Um silêncio que não se dobra às vozes ao lado,  
à música que estilhaça a vidraça,  
vinda do inferno vizinho.  
Um silêncio que não ouve os gritos das mães  
que perderam os maridos,  
nem se comove com o deserto do coração dos filhos.  
Um silêncio tão agudo,  
tão lindamente oco,  
que reverbera o fogo das auroras  
e queima os ossos dos defuntos.  
Restou o silêncio  
- fantasma que me sufoca na noite sem estrelas -  
e fala mais alto que o desespero de Deus.

**2**

O sol acorda as janelas.

O amor entra,  
senta-se à mesa  
e me pede pão fresco.

Eu sigo a luz  
e lhe ofereço a cesta.

Saciado,  
me beija a face  
e diz que volta.

Eu aguardo  
esse amor pleno de migalhas.

**3**

O morto me observa  
de sua cadeira vazia.

Ouçõ o tilintar leve das louças:  
os ossos tocam as xícaras,  
distráidos,  
nas suas bodas de ausência.

O amor paira  
absoluto e eterno  
sobre o aroma do café na mesa.

4

O telefone não mais tocará sua voz.  
Nenhuma tecnologia trará o vento  
de seu hálito.  
O mundo continuará entre contos e fantasias.  
A realidade – única –  
tece os ossos dessa falta.

5

O fim da tarde  
: precipício entre a luz e a noite.  
Nele não se avista o horizonte,  
mas o cheio do vazio  
e a brusca visão do nada  
: o oco  
: o prenúncio da dor que não tarda.

6

Os ossos permanecem quietos:  
Descarnados, brancos, sós.  
(Estátuas que se diluem sem sangue.)

Além dos ossos,  
algo impenetrável vive:  
Uns dizem amor;  
outros, semente  
- alma.

Mas os ossos serão quietos  
em sua pele de pó.

Acesa – fora –  
a luz da memória  
é sua voz.

Inaudível.

## SOBRE DOR E DEUS

200

*Nessa travessia,  
existe o outro lado do rio?*

*Existe o rio?*

I

Vivo  
para lembrar nomes

Vivo  
para perder paisagens

*O tempo me esqueceu*

II

Nada é passado  
nada é presente  
nada é futuro

Lembrar é um pouco morrer

Nadar num rio  
cujas águas  
não têm fundo

Onde só as margens habitam

### III

Tudo o que morre  
move-se fantasma.  
Mesmo um vaso  
que se quebra  
retine nos olhos sua febre  
de barro.

Mesmo um verso:  
fênix  
nos braços de outro  
verso.

Tudo o que morre  
muda-se em tempo.  
Fere os relógios.  
Mastiga entre os círios  
seus remorsos.

O que morre  
não morre:  
veste-se de memória.  
Não é que se resista  
em sina  
mas finca os dentes  
na mais cruel  
vindita  
e enraíza noutra pele  
o que sangrou  
em vida.

#### IV

Tenho 1, 60 m,  
e a alma fechada em água, osso e miragem  
caminha sob a carne da pele.  
Um homem pequeno sob a grandeza do mundo,  
desenhado em pó e memória.

Nada de mim basta em mim.  
Corre o rio das veias.  
O sangue é júbilo entre vida e morte.

Não sei do futuro em meu olho.  
Sei que meu coração bate.  
Sei que meu corpo vibra.  
E pronto.

## V

Tenho medo. Daí que choro.  
Não um medo das coisas disponíveis,  
em compasso de espera.  
O medo da morte ou do futuro, por exemplo.  
Um medo palpável como o escuro:  
da flor que me invade o sonho  
do rádio que toca a canção  
e diz que o amor é possível.  
Tenho medo das coisas possíveis:  
o latido de um cão na esquina  
o assobio de alguém na calçada  
o cair de uma taça no chão.  
Tenho medo das coisas absurdas:  
a fé e a esperança  
a luminosidade das estrelas  
ou o ranger das sombras nos porões.  
Daí que minto.  
O medo de dizer não  
o medo da chuva no jardim  
o medo do piscar dos postes  
o medo da água limpando  
nosso sexo e nossa mão.  
Daí que tremo.  
Pelo que não me permite o amparo da visão.  
A voz muda do silêncio  
quando perguntamos por Deus, por exemplo.  
A face de Deus. Ou sua faca.

## VI

Para falar com Deus  
uso palavras que não são:  
grunhidos, murmúrios, muxoxos.  
O desconexo, o improvável.  
Gemidos de úteros distantes.

Se falo com Deus palavras certas,  
certamente Ele não me ouve.

Deus só aceita a coragem  
existente no olho a olho.

Não aceita a dor da palavra.  
Mas a dor que dói no osso.

## SAUDADE

é como se a dor entrasse por dentro dos dentes  
lá dentro  
no escorrer do vidro da garganta  
mais fundo  
no escuro do escurecer do ventre  
onde o umbigo corta os nós  
e se morde

## O QUE NOS AGUARDA

a desmemória  
a sombra  
o lado de fora da luz

o caos  
instalado no olhar  
a retidão que comove as distâncias  
o mínimo suspiro para o abismo

esse  
tumulto esse  
absurdo esse  
espanto de vozes esse  
túmulo de faces perplexas

pássaro de palha  
na palma de deus

,

apenas

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPERANÇA

I

A Arte não nasce  
da razão  
mas da ignorância das coisas

II

A memória  
é uma faca  
entre o sim e o não

III

Escrever um poema  
é escrever vida  
ou vice-versa

IV

Eu espero  
com o olhar renovado  
raiz nascendo da terra  
apesar do escuro

## ***AD INFINITUM***

A vida teima  
permanece fincada  
em suas algaravias  
A vida em seus dejetos  
a vida em suas flores  
a vida em seus amores

A vida sitiada

Presas em suas graças  
presa em suas ramas  
presa em seus sabores

A vida em alerta

Nem o sol das florestas em fogo  
nem o pó das estradas vazias  
nem a voz dos falsos profetas  
nem o riso frágil dos pastores

A vida não morre

Reconstruindo seus ossos  
a vida segue seu curso

*A vida toca os TAMBORES*

Em memória de MARCIO CARVALHO  
12/04/1967 - 09/02/2007

**TANUSSI CARDOSO** é carioca, nascido no Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1946. É formado em Jornalismo e Direito. Dedicou-se em tempo integral à literatura, em especial à poesia, além de ser crítico, contista e letrista de MPB. Com a poesia, adquiriu uma série de prêmios, nacionais e internacionais. Seu nome é verbete da “Enciclopédia de Literatura Brasileira” (Fundação Biblioteca Nacional) e do “Dicionário Cravo Alvim da Música Popular Brasileira”. Além de publicado em dezenas de Antologias, tem seis livros de poesia editados. Recebeu o “Prêmio ALAP de Cultura” e o “Prêmio Capital Nacional 2000”, pelo livro “Viagem em torno de” (Ed. 7Letras). Tem poemas publicados na Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, EUA, Itália, México, Portugal e Uruguai, e traduzidos para o francês, espanhol e italiano.

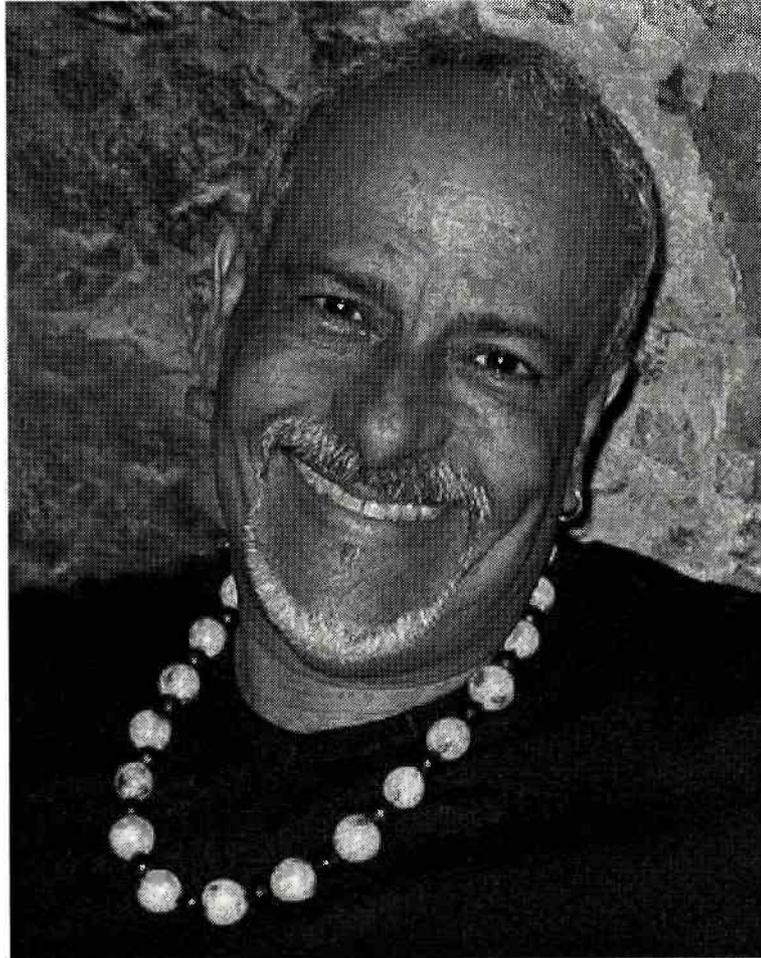
Em 2006, representou o Brasil no Segundo Festival Latino-americano de Poesia “Ser al fin una palabra”, inserido na programação do Dia Mundial da Poesia, na Cidade do México, onde lançou “Exercício do olhar” (Ed. Five Star), prefaciado por Gilberto Mendonça Teles e Luiz Horácio Rodrigues. O livro foi finalista do “Prêmio Nacional de Poesia Cidade de Juiz de Fora 2003” e eleito o Melhor Livro de Poesia de 2006, no Congresso Latino-Americano de Literatura, em São Francisco de Itabapoana - RJ.

Colabora, com assiduidade, em jornais e revistas literárias de todo Brasil. Seu trabalho poético foi tema de monografia na UFRJ, apresentado por Márcia Miranda Jayme, bem como tema de Seminário entre os alunos da Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro, organizado pela professora Christina Ramalho (2004). Seu poema “Miragens”, baseado no óleo s/tela “Beduíno”, de Majon, foi publicado em cartão da Telemar, numa tiragem de 200.000 exemplares. Seu poema “Substantivos” é tema de estudo, no capítulo introdutório à Morfologia, no livro “Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa”, de José de Nicola e Ulisses Infante, Ed. Scipione, São Paulo, 15ª edição, 1997.

Em 2007, foi agraciado com o “Troféu Marcio Carvalho”, no “XI Festival Carioca de Poesia”, organizado pelo Grupo Poesia Simplesmente; e recebeu, em homenagem ao Centenário de

Miguel Torga, diploma e Medalha de Honra, outorgados pelo ELOS CLUBE DE LEIRIA, Portugal, e pela ALAP. Pertence ao PEN CLUBE do Brasil, à União Brasileira de Escritores (UBE/RJ), à Associação dos Poetas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro (APPERJ) e é o atual Presidente do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro (SEERJ). É membro da Representación Internacional de La Casa Del Poeta Peruano no Brasil.

Tanussi Cardoso





*Márcio, [Márcio Catunda] estou ouvindo o seu belo CD ao som de Albinoni, sua voz agrestemente poética. No final da semana, foi coincidência, reencontrei um livro seu na casa de Friburgo. Que mistério esse da poesia, da nossa necessidade de traduzir tudo em palavra e ritmo. Sua seleção é forte. Você, aí na Bulgária, lembrando de quando leu Mário, naquela rede de Niterói ou degustando aromas nos quintais de outrora. Parabéns. Afonso Romano de Sant'Anna, em carta a Márcio Catunda, publicada em Plenitude Visionária.*

*Obrigado, Ricardo, pela remessa da coletânea "Rios", que nos agradou bastante. Felicitações por sua participação, que muito contribuiu para o excelente nível da antologia, e a valorizou. Reynaldo Valinho Alvarez, em carta a Ricardo Alfaya.*

*Ricardo Alfaya, sobre Rios: Tenho volumosa pasta, com apreciações positivas. Algumas, em minha seção neste "Vertentes". Agradeço a Eunice Mendes e a Walmor Dario: publicaram poemas dos cinco autores, por vários números, na excelente "Poetizando", de Santos-SP. Também, aos que divulgaram a mim e aos demais em seus periódicos: Antônio Luiz Lopes, Hugo Pontes, Ilma Fontes, Jurema Barreto de Sousa, Leila Miccolis, Luiz Alberto Machado, Moacyr Cirne, Rosemary Lopes Pereira, Selmo Vasconcellos, Zanoto, entre outros. Por fim, grato a Jayro Luna e a Cecy Barbosa Campos, pelos ensaios sobre "Sujeito a Objetos", meu livro em "Rios".*

*Sua poesia, Tanussi Cardoso, é mesmo da melhor qualidade: densa, criativa, funcionando oral ou escritamente, reinventando-se continuamente. Afonso Romano de Sant'anna, por e-mail, sobre Viagem em torno de (7 Letras, Rio de Janeiro, 2000).*

*Poemas fortes, com sotaque pessoal – coisa que vai escasseando no mercado. Tanussi sabe o ouro do silêncio e a prata da revelação. Carlos Nejar, por e-mail, sobre Viagem em torno de.*

*Não tenho dúvidas em escrever que Tanussi Cardoso é o poeta que mais admiro atualmente no Rio de Janeiro. Tanussi tem o timbre diferente, o seu valor especial e marcante. Com muito talento, e com o seu projeto literário diuturnamente construído, é que se vai fazendo a excelente poesia de Tanussi Cardoso, uma das melhores hoje no Brasil. Gilberto Mendonça Teles, no prefácio a Exercício do Olhar (Five Star, Rio de Janeiro, 2006).*

A coletânea "Vertentes" dá continuidade a projeto anterior denominado "Rios", do qual resultou também uma reunião poética de cinco autores. Nela, estiveram presentes quatro poetas deste "Vertentes": Elaine Pauvolid, Márcio Catunda, Ricardo Alfaya e Tanussi Cardoso. A quinta participante, em "Rios", foi Thereza Christina Rocque da Motta, responsável pela Ibis Libris, editora que publicou a obra, no Rio de Janeiro, em 2003. "Rios" foi coordenada por Márcio Catunda, criador e incentivador. Nesta nova etapa, também sob o estímulo e a coordenação de Márcio Catunda, contamos com o valioso tributo a Marcio Carvalho, poeta falecido em 2007, cujo livro de estreia é aqui reeditado.

É importante notar que, assim como sucedeu em "Rios", cada autor se faz presente com um livro próprio, de sua livre concepção. Portanto, nestas "Vertentes" deságuam as afinidades e variantes de estilo dos caminhos de cada um. No entanto, o leitor atento perceberá elementos temáticos, proposições, ideários, atitudes e nuances formais, que espelham as "afinidades eletivas" entre os cinco escritores. Ou seja, a par das diferenças individuais, emergem características comuns, que emprestam singular unidade ao conjunto.

ISBN 978-85-62038-02-0



9 788562 038020